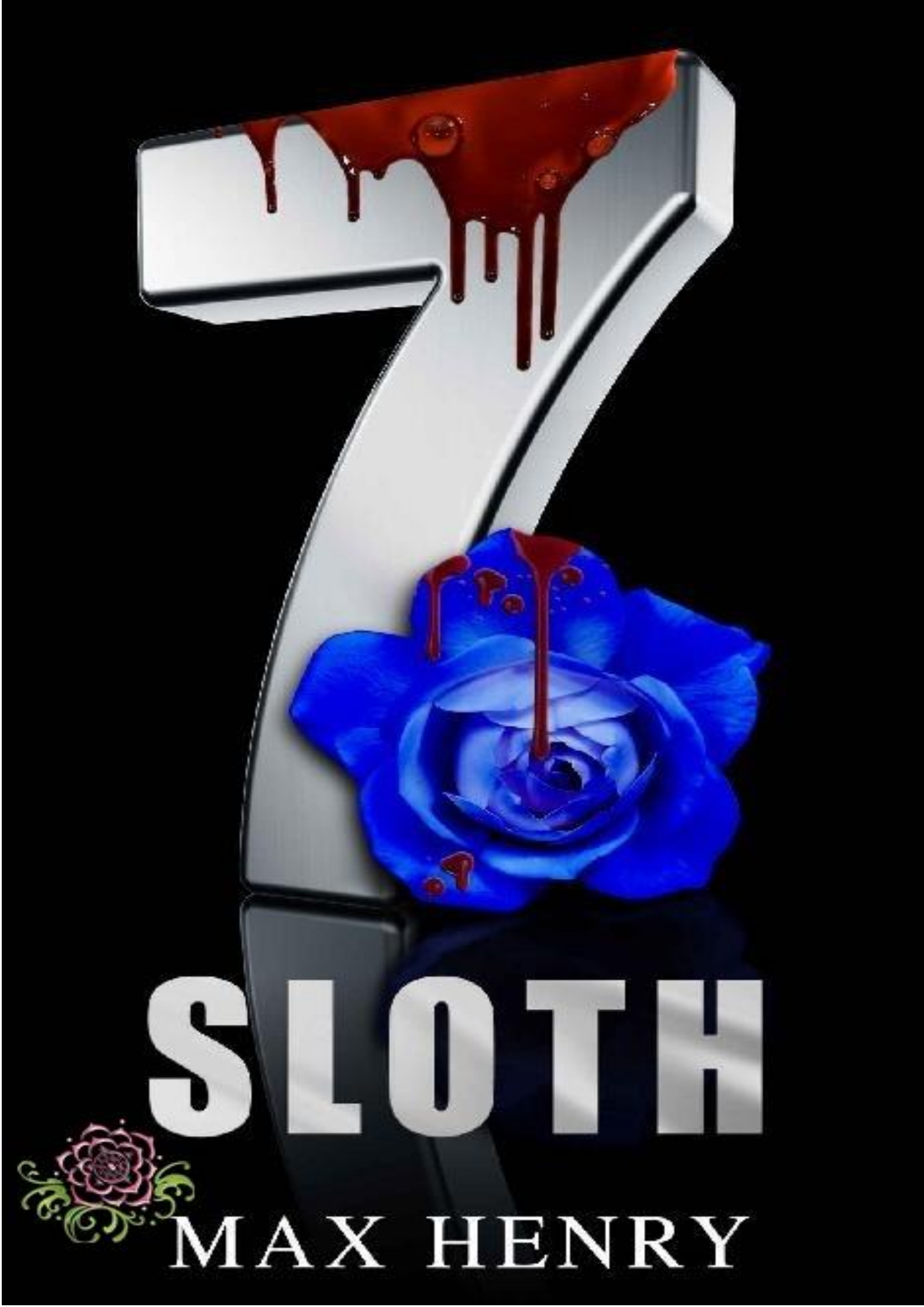

7
SLOTH
MAX HENRY



Disponibilização: Flor de Lótus

Tradução: Pandora Box

Revisão: Lenni

Revisão Final: Srta. Callahan

Leitura Final: Flor de Lótus

Formatação: Flor de Lótus



SLOTH

Max Henry

Uma noite fatídica...

Um beijo roubado...

E estou determinada a provar que ele se importa com alguma coisa... comigo.

Um

Com a maneira que as coisas começaram hoje à noite, não poderia haver qualquer outro resultado. Por que pensei que seria uma boa ideia? Meus pés batem no chão, minha respiração curta ensurdecendo meus ouvidos enquanto corro para... o que? Para o que exatamente corro? Não há nenhuma segurança em ser encontrada nas horas escuras. Nenhum cidadão doce e despretensioso que tenha pena da garota com cabelos selvagens que corre por sua vida.

Porque isso é exatamente isso o que estou fazendo: correndo pela minha vida.

O sangue corre pelo meu olho, mais uma vez o limpo no meio de seu caminho com as costas da minha mão. Meu batimento cardíaco está elevado não fará nada para conter o fluxo, apenas estimular, enquanto a dor no meu crânio continua a latejar.

Ele disse que não podia mais fazer isso, que o ciúme era demais, doloroso demais para suportar. Bem, e eu? E a dor que eu tive que suportar?

Será que está tão consumido por sua fúria cega que não consegue enxergar? Ele não está com ciúmes de mim, ou deles ou de alguém. Só está envergonhado de pensar em mim deixando-o, ou em como isso vai fazê-lo parecer para seus companheiros, os seus então chamados "amigos".

—April!

Minha próxima respiração vem em um curto suspiro ao som de sua voz. Ela reverbera nos prédios industriais ao meu redor, ecoando. Cercas cobertas de arame de dois metros de altura me cercam, intercaladas entre grandes lajes de concreto que fortificam o que está além. Estas não são ruas onde os esconderijos são abundantes. Elas são ruas onde as pessoas encontram seu destino, desaparecendo na noite anterior, antes que um novo dia comece e a agitação das indústrias preencha as estradas mais uma vez.

Este é o lugar onde vou morrer, tenho certeza disso.

—Você não pode... correr... para sempre —ele grita entre as respirações.

Ele está certo. Não posso. Mas, maldito seja, se não vou tentar. O sangue escorre em meu olho novamente, só que desta vez eu tento em vão piscar. Se eu levanto o braço, vou diminuir meu ritmo e lhe dou a oportunidade de me alcançar, antes de recuperar a minha velocidade perdida.

Não esta noite, nunca mais vou deixá-lo me tocar.

Corro em direção à rua lateral que cruza na minha frente, mesmo que os meus pulmões queimem, implorando por descanso. Se diminuir para verificar se o caminho está livre, ele me alcançará. Mas se eu correr sem hesitação também corro o risco de ser atingida. Ninguém dirige nestas ruas a essa hora. Ninguém, exceto nós.

Eu vou ficar bem. Eu tenho que ficar bem.

Um caminhão reboque está estacionado à minha esquerda quando eu chego ao meio-fio e bloqueia minha visão.
Fechando os olhos com força, continuo correndo e conto meus passos para avaliar o quão perto eu estou do outro lado.

Um, dois, três, quatro, cin....

Uma dor cega dispara através do meu quadril esquerdo. Eu grito quando meu corpo torce horizontalmente em direção ao chão implacável. A dor queima através da minha perna enquanto estou deslizando a vários passos para minha direita, pousando com um baque na calçada úmida.

Por que não vi luzes? Não vi luzes. Porra, minha perna está doendo.

O guinchar dos pneus ecoa em minha mente mesmo após o som parar. Puro silêncio aterrorizante preenche o vazio. Silêncio, apesar da batida pesada do motor do carro velho enquanto ele fica ocioso no cruzamento.

—Que porra você estava pensando? — Uma voz profunda e definitivamente masculina, ecoa.

Duas pernas vestidas em jeans entram em minha visão enquanto continuo parada, avaliando se quebrei alguma coisa no impacto e consequentemente na queda. As pesadas botas no final dos jeans sujos estão parcialmente esfarrapadas, tudo neste retrato grita problemas. Olho para longe do motorista do carro, do outro lado da rua, e encontro Terry parado em estado de choque no meio-fio.

—Jesus, querida, — Terry murmura. —Poderia ter sido morta.

Ele finge se preocupar, mas permanece onde está. A falta de preocupação física parece ser percebida pelo motorista do carro também. Ele vira e coloca toda a sua atenção sobre Terry.

—Melhor vir aqui então e verificar se sua namorada está bem. — Seu tom é curto e grosso, o que me faz pensar que esta situação o frustrou mais do que o preocupou.

Terry faz o seu caminho através da estrada em minha direção, mantendo firme seu olhar sobre o cara à minha direita. Meu instinto de fuga entra em ação, minha cabeça cambaleando quando sou empurrada de volta para toda razão dessa confusão.

Me movo para trás de quatro, minha perna queimando como um inferno enquanto forço os meus músculos a trabalhar. —Não. O motorista não vê o que está na mão de Terry, mas eu vejo foda-se, esse cara não estará chegando perto de mim.

Não quando eu gastei tanto tempo para fugir.

—Você está em choque. — Terry se abaixa quando se aproxima de mim, colocando a lâmina atrás de sua coxa. —Isso é tudo.

Em minha visão periférica, o motorista vira para assistir nossa estranha interação. O escuro protege seu rosto, no entanto, o brilho distante de uma luz de segurança corta uma silhueta intimidante em torno de sua jaqueta de couro preta.

—Fique longe, — exijo quando Terry chega mais perto. As partes de baixo de minhas mãos batem no meio-fio atrás de mim. —Fique longe de mim porra.

—April, baby.— A mão de Terry balança como se para envolver seus braços ao meu redor, mas ele só traz uma a frente aquela com a faca.

Seus gestos são todos estranhos demais para mim, para ele *e* para o motorista quando eu levanto meus braços para me proteger.

Um único tiro ecoa pela noite parada, o som da explosão repercuti saltando de prédio em prédio ao mesmo tempo que Terry cai em seu lugar de joelhos, uma mão segurando seu braço baleado.

—Filho da puta! —Ele grita e gira o braço inútil, enquanto tropeça e vai em direção ao motorista.

Há sangue em mim, sei disso. Não consigo ver o vermelho, mas por Deus, o sinto. Em todos os lugares.

Tropeço para a segurança da calçada, adrenalina me empurrando através da dor quando minha perna grita em protesto. Os demônios dos meus pesadelos ganham vida diante dos meus olhos conforme me enfio nas sombras. Os monstros se transformam em formas não distintas no escuro enquanto os dois homens lutam.

O que fiz? Eu fui e coloquei uma pessoa inocente no meio das minhas lutas, dos meus erros. Se ele se ferir por minha causa... Ouço Grunhidos altos e um estalo de carne sobre carne pontuado pelo tingimento metálico de lâmina atingindo o chão. Terry dá passos para trás, os dois homens estão de frente um para o outro, em um impasse típico mexicano. Quem irá fazer o primeiro movimento? Seguro minha respiração enquanto assisto, indefesa.

Outro estouro da arma ecoa, e coloco as minhas mãos nas orelhas. Não quero escutar nada, não pode ser verdade o que está acontecendo. Mas é. É tudo verdade conforme vejo, meu então chamado namorado hesitar, e então desabar no chão.

Desta vez Terry não se levanta.

Meus batimentos cardíacos trovejam dentro do meu crânio, minha respiração está ofegante não fazem nada para satisfazer minha extrema necessidade de ar pacificador. Me pressiono com força contra a cerca, minha perna ferida protestando quando eu a forço a ficar reta, para que eu possa sumir na sombra.

— Onde você foi, garotinha? — Pergunta o motorista, parado no meio da estrada. — Saia, saia, de onde quer que esteja. — Sua voz adquire um tom quase zombeteiro.

Me pressiono mais forte contra a cerca, a silhueta do homem forma um indestrutível 'X,' a forma da arma clara enquanto se estende de uma mão.

— É seguro sair agora.

Uma droga que é. Esse cara atirou em Terry, e agora quer que eu ande por aí como se ele não fosse atirar em mim também? Eu sei como essas coisas funcionam. Eu sou um dano colateral.

Sabia que iria morrer esta noite. Porra, como sabia. Só não escolhi ser na mão de um estranho.

— Eu sei para que lado você foi, —anuncia, afastando a arma. — Não vai demorar muito tempo para encontrar você.

Minha respiração está barulhenta demais para meu gosto, os batimentos do meu coração tão alto em meus ouvidos que tenho certeza que ele pode ouvi-los também. Assisto, regulando minha inspiração e expiração pelo nariz para tentar me manter o mais quieta possível, enquanto ele calmamente caminha para o porta-malas do carro dele e o abre. Lentamente retira sua jaqueta de couro dobrando cuidadosamente antes de colocá-lo no carro. Seus ombros musculosos flexionam quando entrelaça as mãos atrás das costas e se alonga, seu corpo largo e bastante intimidador.

Do jeito que eu vejo, o homem continua falando comigo como se eu estivesse bem ali ao lado dele. —Nós temos um pequeno problema para resolver.

Ele recupera o que parece ser uma folha plástica ou talvez o tipo de lona que você usa para cobrir uma carga e carrega a para forma exposta de Terry.

—Quanto mais tempo ele ficar aqui, mais sangue haverá na estrada. —Deixando a lona ao lado de Terry e coloca as mãos nos quadris. — E quanto mais sangue houver, menos provável que os motoristas confundam com uma poça de óleo.

O cara é louco. Cem por cento louco de pedra.

— Então vai sair e me ajudar, ou o que? — Ele vira a cabeça e para meu absoluto horror, olha diretamente para mim.

Meu sangue corre frio, meu coração pula uma batida. Que escolha eu tenho agora? Manco para a frente, mãos enroladas na bainha da minha camiseta larga e paro na beira da calçada.

—Aí está você— Ele diz como se fosse uma melodia de uma canção de ninar sádica.

—Você vai me matar também?

Sua cabeça inclina lentamente para um lado. A luz de segurança por cima de seu ombro ainda protege a maioria de suas características, mas a forma como seu queixo sobe e desce eu sei que me conferiu.

—Talvez congelo no lugar enquanto ele se afasta e abaixa para desdobrar a lona que parece ser de plástico. Ele estabelece

o grande retângulo ao lado de onde Terry ainda se encontra imóvel e muito morto e depois gira a cabeça para olhar por cima do ombro para mim.

—Vamos lá. Não tenho toda a noite.

Acho a vontade de mover meus pés e dou um passo para a cena. Quanto mais me aproximo, mais clara a carnificina se torna. Meu estômago revira para a bagunça que o tiro fez no rosto de Terry, a piscina de líquido escuro embaixo faz minhas mãos suarem.

Desejei isso tantas vezes, desejava ter a coragem de fazer isso sozinha. Mas não importa o quanto eu odiava o homem, ver Terry assim é.... Doloroso.

O estranho pega um punhado da camisa de Terry em seu punho e puxa o corpo todo para um lado, tentando em vão puxar a lona de plástico por baixo com a outra mão. Me movo em torno dos pés de Terry e ajudo, puxando a lona, rolando Terry na direção oposta para colocá-lo em cima do plástico.

Nós dois olhamos para cima ao mesmo tempo, nosso trabalho concluído. Puta merda. O cara é lindo, em um estilo meio James Dean acidentado. Cílios escuros emolduram olhos ainda mais escuros. O cabelo dele é bagunçado, confuso, mas aparado curto nas laterais. E o maxilar... tão duro, tão firme, mas também coberto de que só posso descrever como ferimentos de batalha. Uma cicatriz puxa a carne sob sua orelha, franzindo onde a lesão antiga desce para o pescoço.

O cara esteve em guerras. Tendo visto o que vi hoje, não quero saber de que tipo.

Saio da minha neblina quando ele limpa a garganta.

—Eu fiz isso? —Aponta para o corte na minha cabeça.

Foda-se, ele acha que machuquei minha cabeça no impacto com seu carro.

—Não. Está tudo bem. Não foi você.

— Ele fez? — Ele endireita, cutucando o pedaço de plástico que Terry está envolvido com sua bota.

Eu aceno.

O louco puxa a perna para trás e coloca um chute doentio no que já foi meu namorado. Eu estremeço com o som, orgulhosa de mim mesma por não fugir... ou no mínimo, vomitar. *Droga*. Esse cara é sério.

—O fodido é sortudo por já estar morto, — ele rosna. — Com que merda ele te bateu? Ele pisa sobre o corpo de Terry, alcançando minha cabeça.

Eu saio fora do caminho e dou um passo atrás.

— O punho da faca. — Aponto para a arma do agressor que está caída parcialmente sob a frente do carro dele.

— Deixe-me ver. —Estendendo a mão novamente, as mangas da camisa dele apertam-se com o movimento.

—Não. —Dou outro passo para trás.

Ele combina seu passo com o meu.

— Você ainda está sangrando. Deixe-me ver quão ruim é.

— Eu estou bem. Honestamente.

O cara me pega desprevenida e me empurra forte no ombro. Eu tropeço para trás, lutando para recuperar o meu equilíbrio. Minha cabeça gira no movimento repentino e a única coisa que me salva de cair como um saco de merda, é o aperto seguro do estranho em meu bíceps.

— Viu? Você não está bem. Você está tonta. — Ele me puxa em sua direção, em direção a um corpo aparentemente feito com o único propósito de infligir dor.

Coloco meu braço entre nós quando me choco contra seu peito sólido.

— Deixe-me ir.

— Pare de discutir e deixe-me ver a sua cabeça, mulher. — Ele me mantém presa contra ele com um braço esmagador em volta da minha cintura, enquanto ele gentilmente empurra o meu cabelo para fora do ferimento com a sua outra mão. O contraste entre as duas mãos me deixa estupefata, olhando para este improvável cavaleiro de armadura de couro conforme ele olha de sobrancelhas franzidas para minha ferida. Eu olho em seus olhos, observando a concentração em sua cara enquanto inspeciona cuidadosamente o corte. Este homem pertence a um outdoor em algum lugar, andando em uma moto na rua enquanto segura um cigarro em seus lábios.

Ele é completamente o típico Bad boy de Hollywood por excelência, não sabia que existiam tais homens. Se o tivesse

conhecido na brilhante luz do dia, se tivesse passado por ele na rua, nunca imaginaria que seria o tipo que mata outro a sangue frio.

Os homens maus não deveriam ser tão atraentes. As duas coisas deveriam ser conceitos mutuamente exclusivos, caso contrário, não é justo.

— Está começando a coagular. Cortes na cabeça sempre sangram como um porco.

Comenta indiferente enquanto solta o braço envolta da minha cintura.

Continuo parada à sua frente, presa em sua armadilha, conforme ele silenciosamente olha para baixo ao me encarar. O barulho do motor de seu carro é tudo o que me impede de acreditar que me nocauteei no impacto, que isto tudo é um sonho. Os olhos dele suavizam um pouco, ao mesmo tempo que levanta sua mão e toca meu queixo. Sua palma é áspera quando coloca seu dedo contra meu lábio, arrastando-o para baixo, coagindo minha boca a abrir. Um barulho estranho soa do fundo de sua garganta antes que ele se afaste, empurrando-me no processo.

— Vamos terminar esta merda, hein? — Ele continua a envolver Terry enquanto fico na rua, chocada.

O que minha vida se tornou? Há uma hora atrás eu estava me libertando do imbecil abusivo no chão, convencida de que se não fizesse uma última tentativa, poderia pegar a faca e

cortar minha garganta. E agora... agora estou aqui, me perguntando por que o primeiro pensamento que veio à minha mente quando este estranho me agarrou tão possessivamente era se ele me achou atraente o suficiente para querer me beijar.

Estou quebrada. A única razão plausível do por que eu reagiria assim. *O homem atirou em seu namorado, April.* Poderia ser possível que desejei este homem imoral à primeira vista? Poderia eu ter conjurado um sonho tão distorcido?

Dou um passo atrás, assistindo como este belo pesadelo pega o saco improvisado de Terry pelos pés e arrasta o burrito de plástico para o porta-malas do carro dele. O baque doentio do cadáver de Terry sendo despejado sem a menor cerimônia no carro se repete em minha mente, ainda cristalino quando o estranho bate a tampa e se vira para olhar para mim. Seu peito se ergue com esforço, as roupas dele ligeiramente bagunçadas da fricção.

—E agora? — Pergunto, não estúpida o suficiente para tentar fugir de um homem que provavelmente me abateria em sua próxima respiração.

—Nós dirigimos. — Ele caminha em direção a mim, ou devo dizer a porta do motorista.

—Entre. — Empurra a cabeça na direção do outro lado do carro. — Nós precisamos pegar gasolina primeiro.

Com um corpo morto no porta-malas? Ele é louco? Você sabe a resposta para isso, April.

Ele ainda está ao lado da porta aberta do carro, uma perna dentro do veículo.

—Algum problema?

—Acho que você poderia dizer isso. Onde quer que comece? Como é que vamos parar para abastecer com.... com Terry no porta-malas? — Deixando de lado o fato de que ele é um verdadeiro assassino me pedindo para entrar no carro com ele.

— Terry? — Ele levanta ambas as sobrancelhas. —Nome idiota para um cara idiota.

— Não digo nada se você me deixar ir, digo sinceramente. Me torno aquela patética menina implorando, que sempre xingo nos filmes de terror. —Você me fez um favor.

—Exatamente. — Ele puxa o pé de dentro do carro e inclina-se sobre a porta, então nossos rostos estão a meras polegadas de distância. — Você deve sua vida a mim. Então agora — Ele sorri — Eu te possuo. Entre.

Dois

Pegamos a gasolina. Não pegamos só gasolina, mas o cara também passou dez minutos na loja selecionando lanches para a nossa viagem pra Deus sabe onde. Dez minutos em que passei assistindo cada carro que passou. Dez minutos que passei limpando o sangue que pude fora da minha cara com os guardanapos que encontrei no porta luvas. Dez minutos que gastei suando muito enquanto esperava algum policial aleatório parar seu carro de patrulha e exigir revistar o veículo.

—Aqui. Meu herói improvável me dá um saco de carne seca, chocolate e energéticos. — Sirva-se se estiver com fome.

Se estou com fome? Sério? Eu não posso fazer minhas mãos pararem de tremer, a adrenalina parece relutante em ir embora.

— Onde vamos? — Pergunto quando ele liga o carro.

O cara verifica os dois lados e nos leva para a estrada, recusando-se a olhar para mim uma vez que seja.

Pensava em correr quando paramos primeiro, indo direto para o caixa e gritar sequestro. Mas onde isso iria me deixar quando encontrassem o cadáver de Terry no porta-malas?

Goste ou não, sou cúmplice de seu assassinato, e esta garota aqui não é talhada para a prisão.

— Quando descobrirei seu nome? — Pergunto. — Você sabe o meu. Por alguma razão, sabendo do que chamá-lo parece ser uma forma lógica de suavizar este monstro em forma de homem. Se ele tem um nome, uma história, uma vida que eu poderia aprender sobre, então ele poderá perde essa vibração sombria que me passa.

— Você quer o meu nome? —Finalmente, olha para mim. — Qual você acha que é?

Jesus! Ele é uma dessas pessoas. —Não gosto de jogos.

—Mas você gosta de abusadores desgraçados que querem esfaqueá-la?

Sua crítica machuca mais do que a faca de Terry já conseguiu.

—Eu não gostava dele.

— Mas você o deixou te controlar, —ressalta. —Porque, se você não gostava dele?

—Eu estava com medo. —Certamente ele pode entender isso? —Não sabia como fugir.

— Você fugiu esta noite.

— Sim, — eu zombei. — Porque você atirou nele.

O louco sorri. — Incrível, hein?

— O que diabos há errado com você?

Ele olha para mim, todo humor fora de seus olhos.

— Que diabos está errado comigo? — Ele ri amargamente. —O que diabos há errado com você? Por que você namorou o idiota se ele era tão horrível?

—Você acha que quando eu o conheci, ele era assim? — Eu surto. — Você sabia porra, que babacas abusadores são bons em esconder a verdade.

— Talvez sim, mas eu diria também que você é provavelmente uma péssima juíza de caráter.

— É mesmo? — Ele não me conhece para falar isso.

— Você está no meu carro, não está?

— Talvez conheça.... Você não me deu uma escolha exatamente.

Ele olha incisivamente para a faca que eu obtive da estrada, e está escondida no meu pé.

— Pronta para me apunhalar então?

— Quer que eu faça? —Desafio, com uma sobrancelha levantada.

—Porque April, — ele diz docemente. — Você está vindo contra mim?

O cara é louco, mas por algum motivo também me faz sorrir.

—Você acha isso excitante?

—Talvez. — Sorri, olhando de canto do olho.

— Dallas, —ele diz simplesmente. —Meu nome é Dallas.

— Eu quero ir para casa, Dallas. Eu assisto sua reação, esperando pela frustração ou surto, onde ele decide que talvez seja mais fácil me matar também, afinal de contas.

Ela nunca vem.

—Ok. — Ele para em um sinal vermelho. —Onde fica isso?

Ok? Não pode ser assim tão fácil.

—Você realmente vai me levar para casa?

—Seria menos suspeito se seus vizinhos a vissem entrar como se nada tivesse acontecido, não acha?

—Eu acho que sim..., mas.... Por que você está tão relaxado sobre tudo isso? — O semáforo fica verde. — Vire à direita.

Ele muda de pista e desliza o carro para virar na esquina, cuidando para que o corpo de Terry não mexa no porta-malas. Não é como a primeira curva que ele fez.

—Por que você é tão preocupada com tudo? — Ele desafia. — Eu pensei que você ficaria feliz que o idiota se foi.

— Eu estou. Quer dizer... merda. Você matou um cara. — Sussurro. — Como pode isso não te incomodar?

— Porque eu faço isso o tempo todo. —Dallas, encolhe os ombros. —Qual o caminho?

— Esquerda e depois vire à direita, e para no número 72.

Eu olho o homem do outro lado e franzo a testa. Ele é muito amigável para ser um assassino em série. Mas não é o que as pessoas dizem sobre todos os melhores?

—Com que frequência seria, “o tempo todo”?

Ele vira seu olhar para mim, enquanto cruzamos a estrada em linha reta.

—Sinceramente você quer a resposta para isso, April?

Eu olho pela janela para as casas conforme elas passam. — Acho que não. Pingos leves de chuvas pinga no vidro, uma garoa de verão que vai deixar minha pele quente e pegajosa.

— O que acontece quando me levar para casa?

— O que você geralmente faz?

Suas perguntas como resposta, a uma pergunta é um hábito que irrita meus nervos. —Em uma noite normal, não seria deixada por um assassino perturbado, então acho que a questão é discutível, não é?

—Talvez. Ele vira a última curva e em seguida olha ansiosamente.

Eu o guio pela rua e para em um parque do outro lado do complexo de apartamentos de merda que o Terry e eu partilhamos... partilhávamos. Um par de luzes estão acesas, mas a maioria dos nossos vizinhos é idosos e carentes, do tipo que se deita cedo, e assiste as reprises da roda da fortuna no escuro.

—Você sabe pelo que eu mataria agora? — Dallas anuncia.

— Acho que você já fez a parte de matar, — eu digo inexpressiva.

Ele dá de ombros.

—Você tem um ponto. Mas um café. Poderia matar por um café agora. Você tem algum?

—E as bebidas? Aponto para o saco entre meus pés.

—Para mais tarde, quando eu precisar de um estimulante. Cavar um buraco pode fazer isso com você.

Como responder a isso porra?

— Você vai enterrá-lo?

Dallas ri, puxando as chaves da ignição.

— Até parece. Sou muito preguiçoso para isso. Eu vou provavelmente queimá-lo.

Não tive tempo de responder, o carro treme quando ele sai e me deixa neste caixão silencioso, do lado de fora da minha casa. Eu deixo a porta aberta, em uma desesperada necessidade de ar fresco. Dallas já espera na varanda, olhando os nomes nas campainhas.

Hesito na chuva, atingida por este retrato comum que ele pinta, um cara jovem atraente, com ombros largos e coxas grossas. O cabelo escuro paira em seus olhos, umedecidos pela chuva. Meu olhar fixa nos lábios carnudos conforme ele murmura aparentemente para si mesmo, enquanto lê.

—Hum, e sobre... —Bato no porta-malas, tirando-me deste estupor fodido.

—Ele vai ficar bem aqui. —Dallas se endireita, com as mãos nos bolsos. —Não acha que ele chegará longe, não é?

— Acho que não. Ainda assim... meu olhar se mantém retornando para o carro, conforme eu faço meu caminho até a porta lascada e desbotada.

Dallas vai para o lado, mal deixando espaço suficiente para que eu fique na varanda também sem me pressionar contra ele. Empurro meu cabelo molhado do meu rosto, encontro a campainha para Sra. Warsaw, e em seguida, toco meus dedos no painel enquanto espero.

—Quem é? — Ela pergunta através da linha chiada.

Dallas levanta uma sobrancelha.

—É April, — eu chamo de volta. —Deixei minha chave com Terry por engano. Poderia me deixar entrar?

— Poderia pega-las, — Dallas sussurra por cima do meu ombro, sua respiração quente faz cócegas em minha orelha.

Eu balanço a cabeça e empurro a porta aberta depois da Sra. Warsaw nos deixar entrar.

—Eu menti. Joguei nele quando disse que estava farta e ele nunca pegou. —Eu pego o olhar gelado de Dallas conforme ele me segue subindo as escadas.

—Não achei que eu iria voltar aqui outra vez, eu explico.

— Entendi.

Enquanto subimos dois lances de escada, sinto ele atrás de mim, quando paramos em frente a porta do meu apartamento, Dallas se inclina na parede oposta esperando eu abrir a porta.

—Como é que entraremos agora? Ele pergunta.

Atiro-lhe uma piscadela e com um toque bem praticado, pressiono a porta com meu ombro curvando-a o suficiente para que possa levantar a trava fora do bloqueio. A trava é tão frouxa que teve uma ocasião em que um caminhão pesado passando a abriu.

— A alegria de viver em edifícios cadentes.

— Impressionante, — diz ele com uma torção de seus lábios conforme observa o local.

— Perigoso, — eu digo. —Uma tranca mal instalada não evoca exatamente uma sensação de segurança quando você ouve alguém tendo a vida dele ou dela sendo tirada na escada às três da manhã.

O ombro de Dallas me toca quando esbarra ao passar por mim, se convidando para entrar na minha casa simples e apertada. Hesitando por um momento, mas então ele anda diretamente para o meu banheiro enquanto eu fecho a porta da frente.

— Pode entrar, por que não?

— Eu acho que este é o mais limpo? Indaga ele, ressurgindo com a toalha do lavabo. Você tem uma montanha de roupa suja lá dentro.

— Não pude pagar a lavanderia novamente esta semana.

Ele apenas acena e seca seu cabelo com minha toalha de banho rosa fofa. Seria cômico se ele não tivesse matado o outro

ocupante deste apartamento há menos de uma hora. Passo por ele e paro diante da janela, inclinando a cabeça para ver o carro dele estacionado na calçada.

— Preocupada? — Pergunta Dallas. A mão repousa gentilmente na parte inferior das minhas costas, suave e inesperada.

Eu o empurro e ando para trás. — Não deveria estar?

— O que aconteceu, aconteceu, April. Você não pode mudar o destino agora.

—Porque se preocupa tão pouco, sobre qualquer coisa?

Minhas costas encontram a parede, meu olhar trancado no seu. Eu quero ver compaixão, compreensão, mas... não há nada.

Ele se aproxima, fechando o espaço entre nós e lentamente levanta a toalha como se não quisesse me assustar. A confusão reina quando ele delicadamente esfrega o algodão macio sobre minha cabeça, trabalhando o seu caminho ao longo do comprimento para concentrar-se nas extremidades.

Este homem, este assassino, está secando meu cabelo!

O tempo todo seus olhos nunca deixam os meus, seu olhar tão intenso que posso sentir perfurando nas profundezas da minha alma. Ele não disse uma palavra, e eu também não, mas parece que obtém todas as respostas para as perguntas que ainda irá perguntar.

Eu sou uma concha, uma falsa projeção de força que esconde a criatura aterrorizada e vulnerável embaixo.

Desisti de acreditar que alguém neste mundo realmente se preocupa com o outro. Já desisti da ideia do felizes para sempre. Não há felicidade que dure para sempre, apenas a satisfação fugaz que você tem por sobreviver mais um dia.

— Obrigada.

As mãos de Dallas param, a toalha ainda envolta dos meus ombros.

Eu empalideço sob seu escrutínio, incerta se eu finalmente derrubei o delicado equilíbrio dentro de sua mente.

—O quê?

— Você nunca disse obrigado quando eu matei o Terry, mas agora...

— É errado? Obrigado dificilmente seria apropriado quando envolvemos o corpo de Terry antes que alguém testemunhasse toda aquela cena. É justo dizer que meus pensamentos estavam preocupados com o que aconteceu.

— Não, não é errado, — ele sopra com uma carranca. — É só...

A toalha cai ao chão, mas suas mãos continuam em concha em volta do meu pescoço.

Arrepio-me quando seu polegar traça um caminho lento, torturante, ao longo de minha mandíbula. Por mais errado que seja, quero que ele faça. Eu quero que ele me beije. Eu quero saber que gosto tem o perigo.

—Como você se sente agora? —Seu olhar fixo em meu machucado. —Sua cabeça está limpa?

—Estou bem. Minhas mãos pairam a meras polegadas de seus quadris, queimando por puxá-lo mais perto.

No entanto, ele está no controle, ele sempre está.

—Eu possuo você —ele murmura quando suas mãos flexionam contra minha garganta. —Você é minha, então eu sei o que eu quero de você, entendeu?

Se eu entendi? Pfft. Ele percebe para quem disse isso, certo? Ele percebe que propriedade era tudo que eu era com Terry. Nunca conheci o que é ser nada mais que uma possessão.

Eu aceno, desafiando-o a seguir com o que seus os olhos encapuzados prometem.

—Você me possui.

Ele sorri, a curva lenta de seus lábios é puro pecado quando deixa sair um divertido —Huh. —Seu olhar cai para minha boca, o sorriso saindo de seu rosto, quando projeta o queixo para fora e olha para baixo com os olhos encapuzados. Dallas passa os polegares ao longo da minha mandíbula, seu aperto mais firme conforme aplica uma pressão mínima para me puxar mais perto.

O perigo tem gosto de cigarros e pecado.

Minhas mãos encontram um local em sua cintura ao mesmo tempo que ele inclina minha cabeça com um aperto firme em meu pescoço, selando seus lábios sobre os meus. Seu

beijo é faminto me empurrando mais profundo, os dentes se arrastam pelo meu lábio, e seus dedos machucam meu pescoço.

Não consigo respirar, metaforicamente e fisicamente.

Seu aperto aperta ao ponto de dor, minha traqueia esmagada sob seus dedos. Eu embaralho as minhas mãos para seus pulsos, incitando-o a parar quando deixo minha boca relaxada

Perigo também tem gosto de pânico e arrependimento.

As mãos de Dallas caiem longe de mim, e ele dá um passo para trás, confusão pintando suas características conforme olha para suas mãos. —Me des...

Minha garganta arde quando eu suspiro por ar.

—Desculpe? Mostre que você se importa.

Sua carranca desvanece-se e perco qualquer esperança de redenção.

—Onde está o café que você me prometeu? Todo comportamento de Dallas muda, a honestidade perdida por trás da fachada de sua arrogância quando ele desfila para a cozinha como se quase não tivesse me matado também.

—Armário sobre a geladeira. Eu coaxo enquanto esfrego minha garganta sensível.

Ele não se importa. Me asfixiou e não se importa. E o mais ferrado de qualquer forma, é que não quero que ele saia. Parte de mim sabe que o que ele fez foi imperdoável, mas a parte mais

forte quer ver se ele mostrará arrependimento. Se eu der um tempo, ele mostrará remorso pelo que me fez passar.

Estou além de quebrada, sou um caso perdido.

Endireito meus ombros e me junto a Dallas, puxando duas canecas limpas da parte de trás do balcão. A porta do armário aberta esconde seu rosto, no entanto, ele fica congelado no local, a mão repousando em cima da jarra de café sobre a bancada.

Dou a volta atrás dele até a geladeira e recupero o creme.

— Você está bem?

—Eu não sou o tipo de cara que você diz obrigado, April. Acho que provei isso, não é?

—Então não direi novamente. Coloco o pote de creme ao lado das canecas.

—Simples.

O armário fecha com uma batida, seu rosto duro e seus olhos queimando um buraco bem através da garota boba dentro de mim que percebe que está ferrada. Ele nem sequer olhou com tanta raiva quando atirou em Terry.

— Porra, você é uma puta estúpida.

— Perdão? —Me encolho fisicamente com a rudeza de suas palavras, equilibrando-me com uma mão no balcão.

— Você me conheceu enquanto estava fugindo de seu namorado abusivo, e aqui está, me fazendo um maldito café, depois de quase te sufocar até a morte.

Ele está certo. Tão certo, que dói.

— Então sou estúpida, —estalo. —Mas se você sabe disso, isso não te deixa pior por tirar vantagem?

—Me aproveitar do quê? Do fato de que você tem alguma tendência masoquista doentia de procurar caras que irão te machucar? —Sua mão forte envolve a minha garganta ainda dolorida mais uma vez. —E agora o que, April? O que você quer que eu faça agora?

Meu coração troveja quando aperto seu antebraço, torcendo minhas mãos ao redor de sua carne para acalma-lo. A carne machucada queima, atirando relâmpagos de dor no meu peito com cada leve movimento.

— E agora o que? — Dallas repete, me derrubando ao longo do balcão através do seu aperto em meu pescoço, até me encostar na parede no final.

Flexionando a mão, permitindo-me inspirar uma preciosa golfada de ar antes que corte o meu fornecimento de novo. O que vem depois? É isso? O final que eu tinha certeza que viria esta noite?

—O que acontece quando você desmaiar, April? Sua cabeça se inclina quando ele me observa desaparecer. —O que espera que eu vá fazer em seguida?

Não posso me concentrar em seu rosto, seu belo rosto. Não consigo ouvir nada mais exceto o fluxo do meu sangue que pulsa em meus ouvidos.

Dallas vai soltando meu corpo mole no chão. Me ajoelho aos seus pés, as mãos em minha garganta enquanto puxo golfada após golfada de ar dentro do meu peito.

—Vou te dizer agora o que viria a seguir. —Ele diz conforme agacha em minha frente. Dedos suaves tiram o cabelo do meu rosto. —Veja, não sou um cara legal, mas você já sabe disso. E caras não tão legais como eu? Não param quando uma garota desmaia.

Ele coloca os dedos em torno do meu queixo, e empurra minha cabeça para encará-lo.

—Eles. Não param. — Seus olhos escuros procuram os meus. —Mas acho que você já sabe disso também. Não é, April?

Minha respiração irregular ainda vem curta e dura quando ele se inclina para baixo e coloca um casto beijo em meus lábios.

—Você não precisa se preocupar com nada, querida. Vou cuidar de tudo. —Ele solta meu queixo, endireitando até sua altura total. —E você sabe por quê?

—Porque você me possui, eu retruco através de minhas lágrimas.

—Boa garota.

Três

As fracas matizes da luz do dia fluem no horizonte enquanto me amontoo na poltrona que Terry e eu possuímos, observo Dallas conforme fala em seu telefone. Sua perna direita levantada, repousando sobre o joelho oposto e os braços encontram-se lançados sobre a parte traseira da cadeira que tomou como sua.

Ele é frio, calmo e introvertido, tudo o que eu não sou.

—Tenho algumas coisas que preciso resolver sobre ontem à noite, mas eu vou estar em casa esta tarde. —Seus olhos escuros me mantem presa. —Sim. Também te amo.

Mas que merda é essa?

—Quem era? —Pergunto quando desliga.

Um sorriso puxa o canto de seus lábios, seu olhar focado no telefone na mão.

—Ciúmes?

—Dificilmente.

Eu sopro uma respiração que levanta o cabelo do meu rosto e olho para fora para o amanhecer.

—Então não importa. Ele se levanta, esticando os dois braços sobre sua cabeça e expondo a carne plana e malhada de seus quadris.

A luz do dia traz clareza, e não sei se estou pronta para isso.

—O aplicativo de previsão de tempo diz que é suposto fazer 35 graus hoje, então a menos que tenha um estômago de ferro, é melhor tirarmos seu amante fora do porta malas.

—Nós? Achei que depois da maneira que ele me tratou ontem à noite, pegaria o que queria e me deixaria aqui desaparecendo sem deixar rasto.

—*Sim. Nós.* —Seus olhos estreitam, pequenas rugas aparecendo nas laterais. Uma das quais encosta na cicatriz que vai até seu queixo. —Ele é seu namorado.

— Era, —corrijo, esticando minhas pernas. —Não que você se importe.

—Como?

—Nada.

Ele propositalmente reteve todos os detalhes sobre a pessoa com quem falou ao telefone para foder com minha cabeça, funcionou. Eu quero saber se o autor da chamada era uma namorada ou uma esposa, tanto quanto eu preciso da minha próxima respiração.

E depois de ter minhas vias aéreas bloqueadas duas vezes ontem à noite, isso é muito ruim.

—Qual é o plano? Pergunto quando me encaminho para a cozinha.

—Já disse, vamos queimá-lo.

—Você tem acesso a um incinerador de tamanho humano, por acaso? Puxo uma barra de cereal do pequeno estoque de comida na despensa e giro para encontrá-lo sorrindo.

—Não. Mas eu tenho acesso a um agente funerário.

—Você quer deixar mais alguém saber o que fez? Digo isso ainda com os dedos ainda na embalagem da barrinha.

—Esqueceu o que disse, faço isso o tempo todo? Ele cruza seus braços, me observando atentamente.

Coloco a barra entre meus lábios e mordo. Sua língua espreita para fora, molhando o seu lábio enquanto eu mastigo.

—Você quer uma? Pergunto antes de dar minha próxima mordida.

—Não estou com fome, ele rosna.

Quase me enganou.

—Eu preciso vestir algo específico? Sapatos resistentes para a longa caminhada onde esconderemos as cinzas? Zombo. Não que eu tenha qualquer outra escolha além do que já estou usando.

—Você está mais do que bem assim.

Eu encolho um pouco quando Dallas anda para frente, meus olhos fixos em suas mãos, esperando, regulando minha

respiração... Ele alcança entre nós e puxa a frente da minha camiseta me trazendo mais perto.

—Percebeu que deixei marcas em seu pescoço ontem à noite? Pergunta com um estranho tipo de admiração.

Minha pele arrepia com seu toque conforme arrasta preguiçosamente as pontas dos dedos na minha garganta.

—Sério?

—Perfeitamente marcadas. Suas pupilas escurecem quando saio fora de seu domínio, deixando a embalagem que estava na minha mão sobre o balcão, enquanto saio rapidamente.

A barra de cereais embrulha em meu estômago conforme ando até o banheiro e confiro meu reflexo no espelho embaçado. Foda-se. Não só minha testa está machucada do lado que bati, mas ele tem razão, há inegável digitais envoltas de ambos os lados da minha garganta.

Eu ainda estou atordoada pelos tons de roxo que adornam meu pescoço quando Dallas surge atrás de mim, com a sua mão deslizando em meu pescoço no mesmo lugar, replicando onde deixou as marcas de ontem à noite. Só desta vez ele não aperta minha garganta, ele apenas deixa sua palma pairando sobre minha carne, zombando, provocando.

—Quer me esfaquear agora? Ele sussurra, arrastando para fora a última palavra como se para fazer graça da situação.

Não há nada engraçado sobre o fato de que eu deixei uma bomba-relógio entrar na minha vida. Ou o fato de que eu ainda não quero que ele me deixe sozinha.

—Como poderia se deixei a faca no carro ontem à noite? Mal ele sabe que há outra na gaveta de cima do balcão da cozinha.

—Pensando como vai colocar suas mãos nisso? —Alcança em torno de mim e gentilmente mostra a exata faca que tinha pensado agora. —Aí está, April. Afiada — ele arrasta a ponta do dedo ao longo da parte plana da lâmina —e letal nas mãos certas.

Valendo. Tento alcançar a arma, engasgo quando sua mão aperta ao redor da minha garganta. A onda de dor rouba meu foco, meus dedos perdem o alvo quando minha visão se torna um borrão.

— Não acho que suas mãos são as mais certas, não é verdade? O metal gelado pressiona contra minha bochecha e tudo que posso fazer é olhar para a patética desculpa de mulher olhando de volta para mim. —Cuide de mim, — Dallas murmura enquanto me assiste no espelho, —E eu vou cuidar de você. Me machuque, e eu a farei desejar estar morta.

Aceno no seu aperto, estremecendo com a dor em meu pescoço.

—Eu entendo.

—Porque...

—Você me possui.

—Eu sempre possuirei você.

Ele empurra a faca o suficiente para que corte minha pele. Faço o meu melhor para ficar parada tentando me poupar de mais lesões. Uma mancha vermelha floresce na minha bochecha pálida e então lentamente escorre em uma linha até onde sua mão repousa em volta do meu pescoço.

Dallas observa o caminho do sangue, seus olhos escuros enquanto espera até a gota estar quase em cima de sua mão e então ataca. Um gemido sai de meus lábios quando sua língua deixa um rastro quente em minha pele. Ele lambe um caminho preguiçoso, limpando minha bochecha de qualquer sinal da ameaça velada.

Este homem atirou no cara que fez minha vida um inferno e agora prova como era realmente fácil o que eu tinha.

Apenas, o que me preocupa mais, é tão nervoso como Dallas possa ser, não tenho medo.

Ainda não quero que ele vá.

Eu mereço morrer. Como pode alguém ter uma mente tão distorcida, tão afetada pela vida que viveu, que eles se agarram ao perigo por causa de como familiar parece ao invés de fugir disso?

—Tome um banho, April, —ele sussurra no meu ouvido, seus lábios escovam a minha orelha. —Vai se sentir melhor.

Espero Dallas sair e fechar a porta sem outro aviso, no entanto, ele não o faz. Para meu horror e partes iguais de intriga, simplesmente me libera de seu aperto e começa a se despir. Assisto em minha visão periférica quando tira sua camiseta, joga a na minha pilha monstruosa de roupa suja e em seguida, começa a trabalhar em seus jeans. Suas costas são amplas e definidas, exatamente o que pensei quando vi pela primeira vez sua silhueta em cima de mim na estrada. No entanto, o desenho detalhado é inesperado. Sua tatuagem retrata o inferno, clássicos demônios e almas torturadas que batalham entre rios de fogo. E supervisionando tudo, espalhado de ombro a ombro, o próprio diabo.

Dallas vira lentamente, vestido agora com apenas sua cueca box, ele me olha com suas sobrancelhas franzidas para o que presumo ser a minha expressão chocada. —Cartão-postal de casa. Afirma claramente antes de passar por mim e alcançar para ligar o chuveiro.

O barulho da água em meus azulejos quebrados preenche o silêncio enquanto ficamos frente a frente, sem vacilar. Ele solta um suspiro divertido e então alcança a bainha da minha camiseta, levantando lentamente o tecido sobre minha cabeça conforme levanto meus braços no piloto automático para ajudá-lo. Ele continua a me despir com as mais suaves mãos nada como o toque que usou para ferir minha carne. Tudo que posso fazer é olhar para a escritura que adorna seu peito

“aquele que crê em mim viverá, mesmo que morra” só não acho que ele está falando sobre Deus.

Não acho que este homem conhece Deus.

—Por que eu? — Pergunto. — O que há em mim que te fez escolher ficar por aqui?

Ele hesita, inclinando–se para os meus pés enquanto ele guia meus jeans livres.

—Eu tenho um corpo para me livrar. Você é um efeito colateral.

—Bobagem, — eu desafio. —Você poderia ter ido embora quando viu que eu estava bem. Você poderia ter me matado também. Teve muitas opções.

—Talvez estivesse sem balas. — Ele fala. —Já considerou isso?

Eu franzo a minha testa quando ele levanta novamente, os olhos dele duros e fixos no meu.

—Talvez eu quisesse atirar em você também, mas você teve sorte.

Eu endureço meu queixo, e encaro o idiota, não acredito nele.

—Quer me esfaquear então? Retruco, zombando de sua pergunta.

Meu coração troveja em meu peito, a água correndo como um rugido em meus ouvidos. E se ele decidir que usar a faca em mim seria uma boa ideia? E se a alcançar agora e...

—Sim, mas ainda não acabei com você.

Sua fria indiferença deixa minha pele coberta de arrepios. O que mais poderia querer de mim? Não seja ingênua, garota. As intenções dele estão escritas no brilho de seus olhos. Este homem tem um plano e envolve minha submissão completa.

Por que isso me deixa tão curiosa?

—Entre no chuveiro, April. Ele chega por trás de mim e desabotoa meu sutiã, baixando as alças pelos os meus ombros até deslizem para baixo por meus braços e caiam no chão.

Minha respiração trava na garganta quando ele descaradamente confere meus bens e cantarola sua aprovação. Olhos famintos devoram minha carne, mãos curiosas seguram meus seios.

Uma mente quebrada gosta de atenção.

Eu fecho os olhos e franzo a testa quando suas mãos deslizam para baixo até minha calcinha. Ele conecta os dois polegares na cintura e puxa forte, imperturbado pelo meu silêncio. Eu saio fora da calcinha comum e a chuto de lado. Dallas empurra sua cueca para os pés e a chuta também.

O que estou fazendo?

Eu desejei um salvador por anos, alguém para me mostrar o caminho, para me guiar através do processo de fugir de Terry. Eu desejei um cavaleiro que viesse e me resgatasse. Eu desejei por qualquer um menos este assassino em minha frente. Só que ainda, não acho que mereço diferente.

Minha vida nunca foi fácil, e de maneira nenhuma convencional. Eu fugi de uma família abusiva, para os braços de um homem abusivo, não percebendo que subconscientemente procurei o que conhecia, porque era mais fácil do que lidar com a mudança para outra coisa, ser outra pessoa.

E aqui estou eu, indo pela mesma viagem novamente. Só que cada vez que embarco, as apostas são maiores, os riscos são mais significativos, as probabilidades ainda mais contra mim.

Se eu sobreviver, então o que vem depois? Quantas vezes posso fazer isso antes de entrar em alguma coisa que não conseguirei lidar?

A questão é, quero sobreviver? Que morte mais doce do que nas mãos de um homem tão viril e desgastante como Dallas? Não posso negar que ele entrou debaixo de minha pele, no momento em que puxou o gatilho.

—Você está comigo? Dallas estica sua mão, convidando-me a acompanhá-lo.

Deixo meu olhar cair para o comprimento do homem, olhando a queda dos músculos em seus quadris, as coxas firmes e arma que embala entra elas. O cara é grande, o que não é nenhuma surpresa dado como arrogante e seguro de si ele é.

Eu coloco minha mão na sua e o deixo me guiar até a cabine minúscula. Não há maneira alguma de dividirmos o chuveiro sem que nossos corpos permaneçam ligados de alguma forma.

Ele me manobra para que fique em seus braços com o spray quente em minhas costas.

Parece o céu.

— Você tem um emprego? — Indaga inesperadamente enquanto suas mãos começam a massagear minhas costas e ombros.

—Não agora.

—Família?

—Está curioso se vão sentir minha falta? — Ele está amaciando o golpe, amolecendo-me com o seu toque antes que enfie literalmente a faca e remova a complicação de seu dia.

—Estou, —ele responde, —mas não pelas razões que provavelmente acha.

—É mesmo? — Descanso minha cabeça contra seu peito... conforme ele trabalha as mãos mais baixo, liberando a tensão das minhas costas.

—Eu quero te levar para casa como um animal perdido, April. Quero mantê-la, alimentá-la e fazê-la depender de mim para sobreviver.

—Mas não vai me amar? Vira-latas precisam de amor. Eu preciso de amor.

—Não sei o que é amor, —ele diz calmamente, quando entrelaça seus dedos em meu cabelo na base da cabeça. — Mas poderia tentar, eu acho.

De novo, eu sussurro, permitindo que a minha mente transforme isto em algum sonho distorcido, alguma fantasia maligna. —Por que eu?

—Por que não?

—Porque você tem alguém em casa que você já ama, — eu o lembro.

Ele empurra minha cabeça para trás com seu aperto.

—Você matou meu namorado, — eu continuo.

Sua mão livre corre um caminho sobre meu peito; entre meus seios e ao redor do meu lado para puxar meus quadris com força contra ele.

—Não sou nada mais do que uma posse para você, —digo. —Nada mais que uma conquista. Alguém que está em dívida com você. Não sou nada, Dallas. Nada, ninguém.

A água corre de meu cabelo para meus olhos, forçando-os a fecha-los. Concentro-me na rapidez de sua respiração enquanto flexiona a mão no meu cabelo, a sensação do seu comprimento duro pressionado em meu estômago. Segundos passam parecendo horas, cada contração e flexão de nossos corpos um contra os outro é uma facada aos sentidos.

— Você é alguém, — sussurra, a boca perto da minha. — Você é alguma coisa.

Seus lábios varrem por cima do meu, macio e cuidadoso. A hesitação é tão incomum nesse homem que conheci nesta últimas doze e tantas horas que me obrigo a manter os olhos

fechados. Me recuso a abri-los e ver a verdade, revelar a mentira.

Seu beijo se intensifica, a mão no meu cabelo brutalmente me dirigindo fora do fluxo de água. Deixo-me guiar até que minhas costas repousam contra a parede lateral, sinto a sensação do seu corpo pressionado contra o meu conforme coloca a outra mão sob minha coxa e puxa a para cima, envolvendo a em seus quadris.

Estou fazendo isso. Ele está pegando o que quer, e terminará comigo estou bem com isso.

Estou mais perdida do que imaginei.

—Diga-me — resmunga entre beijos castos no meu ombro e pescoço. —Ele transou com você no chuveiro?

—Não, — eu respondo em um sussurro sem fôlego.

— Ele já olhou para você e perdeu o controle? — Ele move a mão do meu cabelo para meu queixo, segurando minha cabeça no lugar, enquanto me perfura com aqueles olhos escuros. —Nunca disse como fodível você parece quando desistiu da vida?

Eu balanço minha cabeça, rolando a de um lado para o outro na parede do chuveiro. — Não.

— A quem você pertence agora, April?

— Você. — Murmuro, perdida na sensação de sua ereção grossa quando ele balança seus quadris contra mim, na segurança de seus braços conforme me mantém estável.

—A quem você sempre pertencerá?

Franzo a testa, não tendo certeza se ele disse o que eu penso.

—A mim, — ele estala, claramente agitado quando falhei em responder o que ele queria. —Você sempre foi minha, eu simplesmente deixei que o filho da puta do seu namorado, ficasse com você emprestada por um tempo. — Seus olhos são pura escuridão quando coloca sua bochecha contra a minha, sussurrando no meu ouvido. —Eu precisava que ele te arruinasse, para que você me desejasse do jeito que sou.

—O que você é? — Eu pergunto, minha cabeça flutuando com a mistura de luxúria, nervos e arrependimento.

—Eu sou a porra de um monstro, — ele diz, manobrando me mais acima na parede para reposicionar seus quadris. —Me amar vai te destruir, mas prometo que quando terminarmos hoje, você não vai se importar.

—Me importar com o quê? — Deus, ele está me esmagando, está pressionado contra mim tão apertado.

—O que terei tirado de sua alma. Tirado tudo o que você é ou poderia ter sido.

Quatro

Ele pontua sua ameaça com um golpe duro de seus quadris, entrando em mim com um ataque brutal. Dói conforme me alarga, mas pelo segundo golpe estou querendo mais.

Meus ombros batem contra os azulejos conforme estabelece sua reivindicação, meu corpo violentamente se choca contra os azulejos de novo e de novo. Dallas entrelaça seus dedos nos meus, colocando nossas mãos unidas acima de minha cabeça pressionando as na parede. A mistura de prazer e dor, o contraste de seus gemidos satisfeitos e a maneira brutal em que toma o que precisa sem perder tempo com preliminares sem sentido, entendo o que ele disse por despir-me da minha alma.

Eu resistiria ao purgatório dia após dia se essa seria a recompensa que ganharia todas as noites.

—Você é minha agora, —ele rosna quando seus impulsos se tornam mais fortes bruscos. —Você não pode ir embora —murmura. —Não vou deixar.

Já ouvi estas ameaças antes de Terry e no entanto, a diferença é que ele iria gritar essas frases para mim enquanto

me batia com seus punhos. Não sou estúpida o suficiente para definir que o que tenho com Dallas neste momento, é nada além de luxúria imprudente, mas as ameaças se amenizam quando meu núcleo aperta na plenitude de seu pau. Talvez esteja bêbada pelo sexo, talvez esteja com o caso clássico de síndrome de Estocolmo, me apaixonando pelo meu agressor. Seja lá o que for, é o mais precioso que senti em muito tempo. Não me importo se é errado.

Quando sua vida não vale o papel em que é escrita, amor e aceitação vem em qualquer forma que você conseguir. E agora, vou aceita-la, mesmo que venha de um homem psicótico que ainda está para descartar o corpo de meu namorado morto.

Dallas ainda está dentro de mim, quando seus lábios passeiam pela minha orelha quando ele sussurra três palavras simples que me enviam sobre a borda.

— Goze para mim.

Abro minha boca e grito quando ele retoma seu ritmo brutal, caio desfeita em torno dele, quando coloca seu dedo na minha boca e puxa para baixo forte.

— Minha. Para transar quando quiser —rosna para fora através de um queixo rígido antes de empurrar seus quadris conforme atira sua carga. — Entendido?

— Entendido, respiro.

— Minha para levar onde quiser, — ele continua quando desliza fora de mim.

—Minha para dar para quem eu quiser.

Espere. — O quê?

Ele dá de ombros. —Eu sumo as vezes quando trabalho. Talvez você precise de companhia.

—Estou bem sozinha. — O inferno que ele vai me emprestar como se fosse um carro barato.

Jesus. Quando foi que comecei a pensar no futuro com esse homem fosse algo garantido?

Seus lábios ondulam de um lado conforme me orienta debaixo da água e prossegue para a limpar seu esperma que escorre das minhas dobras inchadas.

— Você não estará bem sozinha, baby. —Uma risada fria subindo do fundo de seu peito. — Você vai me implorar para ficar.

Posso ter sido dobrada, traumatizada por uma vida de abusos, mas o inferno que seria tão dependente de um homem. Seria*?* Um sentimento afunda e se apodera de minha barriga quando percebo que este homem, este desconhecido, pode me conhecer melhor do que eu mesma.

Onde diabos me meti?

—Onde você me levará?

Ele desliza um dedo preguiçoso dentro de minha boceta, mexendo ao redor para agradar meu ponto ainda sensível. Minhas pernas apertam em torno de sua mão quando responde.

—Casa.

Eu bato ambas as mãos para baixo em seus ombros para me equilibrar.

—Esta é minha casa.

— Não, April. —Ele desliza seu dedo livre e retoma a limpeza. —É a porra de uma caixa de sapatos podre em um edifício que deveria ter sido condenado há décadas.

Talvez sim, mas foi minha... nossa. Trabalhei duro para garantir a segurança de termos este lugar. A segurança que foi embora pela segunda vez agora, estou tão atrasada no aluguel.

Dallas enxagua a espuma do meu corpo e, em seguida, com um tapa firme na minha bunda, ordena —Fora.

Faço como me diz, muito drenada para brigar por algo tão insignificante quanto ser instruída me secar. Ele se lava conforme me seco com a mesma toalha que usamos na noite passada e então vou encontrar roupas limpas.

—April, — ele chama quando eu saio para a sala de estar.

—Sim?

Sua cabeça aparece para fora da porta do chuveiro e foda-se se esse sorriso juvenil não desfaz pelo menos metade do que ele me fez passar até agora.

—O que vou usar? — Ele incisivamente aponta com seu olhar para a toalha macia.

Verdade. Claro.

—Sinto muito. — Rapidamente penduro a no trilho e então caminho para fora para pegar minhas roupas com os braços cruzados sobre meus seios.

A água é desligada quando puxo uma calcinha limpa e depois vou em busca de um sutiã. Não há um. Pelo menos, não um que não cheire como as roupas de trabalho de Terry na pilha de roupa suja. Dallas sai do banheiro em nada além de calças jeans enquanto puxo uma blusa solta sobre a minha cabeça, esperando que a maneira que o material cai, esconda o fato das minhas meninas estarem balançando livre até conseguir o suficiente para a lavanderia.

—Vamos esclarecer uma coisa, —ele afirma conforme passa a toalha sobre a cabeça, bagunçando o cabelo de uma forma que me faz esquecer que ele pode ser um monstro. —Se tenta esconder seu corpo de mim novamente, vou fazer com que seus braços estejam tão doloridos que não conseguira dobra-los na sua frente, entendeu?

—Já acabou com as ameaças? — Incrível que a confiança extra um pedaço de algodão e um pouco de espaço para respirar podem dar a uma menina.

Ele abaixa seu queixo, os olhos de tubarão mais escuros que preto conforme ele sorri. —Avisos. Não ameaças, baby.

Avisos. —Ele joga a toalha no chão. —Elas seriam ameaças se não fosse faze-las, mas vou te machucar se você não obedecer.

—E se não quiser ser sua prostituta? — Surto. —O que faz pensar que não vou abandonar você a primeira chance que tiver?

Minha bravata parece diverti-lo conforme se inclina na parte de trás da poltrona e cruza os braços.

—Onde você iria? O que você faria? — Ele levanta as duas mãos abrangendo meu apartamento.

— O que tem neste mundo além de um lugar estéril para descansar sua cabeça? — Ele empurra a cadeira e marcha em direção a cabeceira da mesa. — Onde estão as fotos de família, April? —Ele golpeia no espaço vazio onde as lembranças de entes queridos deveriam estar. —Onde estão os sinais de que alguém se importa com você, ou que você dá a mínima para alguém também?

Ele anda para o banheiro, vestindo o jeans que usei ontem à noite, batendo as mãos nos bolsos, quando leva até onde estou. Não. Não tem telefone. O jeans cai no chão com um baque. —Não vi você indicar que há alguém neste mundo que sentiria sua falta se você morresse, April. Ninguém.

Ele encontrou o delicado centro de quem sou e esmagou-o em pedaços com o peso de suas palavras. Sou insignificante neste mundo. Sem companheiros de trabalho, sem família que

se importa e sem amigos que iriam me verificar se ficasse em silêncio.

Estou sozinha, e esta é a única coisa que eu odeio mais. Odeio com paixão suficiente para considerar tentar uma vida com um assassino louco.

Não fui inteiramente sincera quando disse que eu ficaria bem sozinha. Fico bem sozinha quando sei que alguém vai voltar para mim. Preciso saber que eu sou estimada. Nem sempre amada. Só estimada. Um efeito colateral de repetidamente dizerem que você foi um erro quando criança, acho.

—Tem razão, —respondo com desapego monótono. —Não existe ninguém.

Ele levanta as sobrancelhas franzidas para minha mudança de atitude, minha fria indiferença para sua crítica afiada. Eu o superei. O joguei fora do curso. Ele provavelmente esperava que eu chorasse, quebrasse em soluços e implorasse para ficar comigo.

Em vez disso, eu puxo em uma respiração profunda e dou um passo em direção a ele. —Não adianta lutar para sobreviver quando não tenho nada para viver. Não adianta fazer valer meus direitos e tomar uma posição, se não houver nenhum oásis no meu deserto de falhas.

Estou sozinha nessa vida, lutando para sobreviver. Não tenho um propósito. Nem bem maior que traga luz para a vida de alguém.

Sou simplesmente um desperdício de espaço sem direção, e Dallas, ele fornece orientação sobre o que fazer, quem ser, mesmo que não goste da mulher que me tornei. Levanto ambos os braços ao meu lado, oferecendo meus pulsos para o homem com apenas morte em seu sorriso. —O que está fazendo, April?

—Obedecendo. Estou pronta para ir para casa agora.

Cinco

A casa de Dallas é extraordinariamente normal para um homem como ele. Fecho a porta do passageiro do carro e hesito na calçada, me perguntando se ele quer que eu o siga ou fique no veículo desde que Terry ainda está no porta-malas.

Totalmente não ansiosa para esse trabalho.

—Venha, — me chama, acenando um braço na minha direção enquanto caminha para a garagem. —Preciso que carregue algumas coisas.

Eu fico para trás quando ele puxa a porta aberta, tendo a oportunidade de olhar mais uma vez sobre a verdadeira casa. É simples, uma cor creme com um verde pálido nas guarnições das janelas. Há malditas flores nas caixas de janela, pelo amor de Deus. Eu esperaria ver a bandeira americana, voando a partir da varanda, uma velha cadeira de balanço ou duas, mas fico com a sensação de que seria um passo longe demais. Não adianta chamar a atenção por ser mu*ito* clichê.

— Aqui. — Volto a minha atenção de volta a Dallas para encontrá-lo segurando uma mochila para mim. Ele olha ao longo da casa também quando a pego de sua mão.

— Podemos entrar mais tarde, uma vez que tivermos o problema resolvido. Ela pode estar pronta para nós depois.

—Ela? Com quem ele vive?

—O que há dentro disto? — Pergunto quando o conteúdo da mochila chacoalha com o movimento.

— Kit de limpeza. — Ele empurra sua cabeça em direção ao carro conforme recupera o que parece ser uma caixa de armazenamento de plástico. —Preciso tirar o cheiro antes que impregne o estofamento.

—Ele não pode estar tão ruim assim, pode? — Só houve cerca de doze horas desde que ele se foi.

—Mais do que provável que ele evacuou suas entranhas após a morte, —diz roboticamente enquanto verifica o interior da caixa. Ele sorri pelo horror que sem dúvida mostro na minha cara. —Não, April. Não estava falando sobre o cheiro que você estava pensando.

Oh, Deus. Meu estômago se agita só de pensar o que irá nos cumprimentar quando finalmente sair do porta-malas. Por que diabos achei que seria capaz de enganar meu caminho através disso? Porque diabos pensei que seria mais fácil do que fazer isso por conta própria?

Havia uma loja de conveniência algumas milhas atrás. Poderia dar uma corrida, tentar utilizar as habilidades de rastreamento que tinha na escola secundária...

— Algum problema? — Suspeita reside nas linhas dos olhos de Dallas.

—Não. — Mentirosa, mentirosa, suas calças estão pegando fogo.

—Bom. — Ele empurra a caixa para mim e então agarra um galão ao lado da porta da garagem. —Coloque essas coisas no banco de trás.

Faço o que me diz, meus nervos desgastam quando faço o meu melhor para verificar discretamente o bairro enquanto coloco a mochila e a caixa no carro. Nenhum tipo de homem velho nos quintais observando, nenhum policial amigável dirigindo por aí. Nem sequer há uma criança com uma bola. A rua é só... tranquila. Tranquila demais para o subúrbio.

—Vocês dois querem um café da manhã antes de ir? — Uma voz de mulher grita da direção da casa.

Lentamente saio fora do carro e viro para encontrar Dallas congelado ao meu lado, seu rosto duro como pedra, enquanto assiste minha reação cuidadosamente.

— Está com fome? — Indaga com uma ligeira contração em um olho.

— Isto é um teste? — Ele está desafiando-me a dizer sim, quando deveria dizer não? Meu estômago responde à pergunta antes que tenha uma chance de decidir.

Dallas levanta uma sobrancelha, o olhar dele caindo para minha barriga.

—Sim, — ele grita de volta. —Café da manhã seria ótimo.

Desvio meu olhar por cima de seu ombro e sinto cada gota de sangue no meu sistema ser drenado para os dedos dos meus pés. A mulher é uma maldita raposa. Alta, morena e cabelo lustroso, maquiagem impecável, pelo menos de longe, e um corpo maravilhoso envolto em um top cropped e calças de ioga.

Ela tem que ser a namorada dele, com certeza. Só pessoas bonitas como estes dois namoram. O que significa... merda.... Que acabei de fazer sexo com seu namorado. Talvez ir lá dentro não seja uma boa ideia afinal?

Ela acena da varanda, um enorme sorriso em seu rosto. Dou um aceno fraco em troca, maravilhando-me em quantas situações de vida ou morte eu consigo me meter no espaço de um fim de semana. A raposa gira em seu calcanhar cabelo fluindo por trás dela como em uma droga de comercial de shampoo e volta para dentro de casa.

— Tem certeza que quer nos apresentar? — Assobio para Dallas conforme ele se dirige para a varanda da frente.

— Não realmente, mas salva a necessidade de fazê-lo mais tarde.

Merda, vou morrer. Se sua mulher é metade tão louca como ele é, então provavelmente vai atirar em mim no minuto em que perceber onde ele estava e *o que* estava fazendo ontem à noite. Raiva ferve sob a minha pele, emaranhando-se com o

queimar de medo. Como ele se atreve a me colocar nessa situação? Como ousa fazer de mim a outra mulher?

Que se foda.

Dallas hesita com uma mão sobre a porta de tela quando paro bruscamente ao pé da escadaria.

—April? O que você está pensando? — Indaga com os olhos cerrados.

—Estou pensando que uma vida sozinha pode ser menos estressante do que o que você está me puxando. — Minha voz treme quando falho em regular a minha raiva.

—Eu entendi, —zombo. —Você é um idiota. Mas porra, Dallas. Sua namorada?

Eu soco uma mão em direção a casa, desgosto franze meu lábio superior.

Os seus olhos ficam largos e maldição se ele não traz aquele sorriso juvenil novamente.

—Minha namorada?

—É baixo. — Volto um passo, justificando que mesmo se acabar na prisão pela morte de Terry, vou ser alimentada.

—Venha cá. — Ele estica uma mão, todos os traços de humor se foram de seus olhos de aço.

—Agora.

—Não.

—Quanto mais longe você for, mais vou te machucar.

—Não se você não me pegar. — Viver ou morrer, tenho o poder de escolher, não o homem em minha vida.

Viro meu calcanhar e empurro pulando sobre o canteiro baixo do jardim ao lado da garagem enquanto as botas de Dallas trovejam ao descer os degraus de madeira atrás de mim. Se a maldita náusea em meu estômago diminuísse seria capaz de respirar um pouco melhor, mas não consigo, e é essa maldita constrição no peito que significa que perdi.

Mais uma vez.

Sempre.

Mal chego a calçada antes dele me embrulhar em uma porra de um abraço de urso, tirar do chão com um riso alto como se nós dois estivéssemos simplesmente brincando. Pressiono para baixo seus antebraços com minhas mãos, no entanto, a luta é inútil, os braços deste homem são como as cordas de aço em torno do meu torso.

Seus lábios escovam meu ouvido, um gesto delicado tão longe das palavras que passam pela carne macia.

—Faça isso de novo e eu vou quebrar os seus tornozelos para que você tenha pelo menos seis semanas para aprender a fazer o que te mandam.

Foi esse cara que deixei me comer no meu chuveiro. Que mulher eu sou.

É essa percepção que finalmente enfraquece a luta do meu corpo. Não mereço a minha liberdade. Não mereço ser a

heroína quando me coloco tão voluntariamente em perigo. Minha mãe estava certa, eu mereço todas as coisas de ruim aconteçam comigo. Porque sou burra demais para evitar.

—Se colocar você para baixo, se comportará? — Dallas pede ao chegarmos as escadas.

Eu aceno, muito enojada comigo mesma para ser capaz de formar palavras. Tomar café da manhã agora parece tanto uma farsa, não tenho mais nenhum apetite sobrando. Nada. Não quando as garras negras de auto piedade se afundaram. É uma sensação estranha, finalmente ter desistido de si mesma: oca, mas dolorosa ao mesmo tempo. Acho que assim que é desistir o conhecimento que não tem isso em você para mudar a sua vida, por mais que tente acreditar que tem.

— Para dentro, April. A palma de sua mão bate em minha bunda como uma picada dolorida. — Vá agradecer a minha irmã, por nos fazer café da manhã.

Seis

Irmã? Irmã dele. Quero derreter em uma piscina invisível no chão. Quão cadela louca ciumenta pareço agora? Meus pés ficam lentos quando faço meu caminho até o hall de entrada amplo onde ouço seu barulho ao redor na cozinha. Dallas coloca uma mão nas minhas costas e me pressiona mais rápido para a frente.

—É meio sexy, sabia, — sussurra no meu ombro. —Vê-la tão possessiva.

—Não era possessividade. — Estalo sob minha respiração.

—Continue a dizer isso, baby. — Ele me empurra forte, lançando-me para a sala de jantar/cozinha americana.

Paraliso ao me aproximar da mesa, colocando minhas mãos trêmulas na parte traseira do assento tentando acalmar os nervos. A irmã de Dallas pega pratos no balcão, de costas para nós enquanto grita,

—Você já terminou de brincar com seu brinquedo, irmãozinho?

—Por enquanto. — Ele segura meu olhar, sorrindo quando puxa uma cadeira ao lado da minha. —Sente.

Faço o que me diz, principalmente por medo de que minhas pernas fracas sucumbirão pela minha corrida súbita de ansiedade se tentar ficar de pé por mais tempo.

—Camille. —A raposa se apresenta quando coloca um prato que parece ser bagels recém-feitos na mesa, seguido por um pouco de frutas picadas. — Presumo que não tiveram tempo para conversar sobre a família ainda?

—Não realmente. — Resmungo. Apertando as mãos debaixo da mesa na bainha da minha blusa.

Camille corre os olhos em minha escolha de traje e olha de sobrancelhas franzidas. —Não está com calor? Está 30 graus ou mais lá fora hoje.

—35° — Dallas corrige, alcançando um bagel.

—April não tinha um sutiã limpo para vestir, então ela pensou que isso poderia me impedir de olhar para seus seios se os escondesse.

Pode ser 35° lá fora, mas juro que meu rosto bateu 40.

—Precisava compartilhar isso?

Camille dispensa como se esse comentário não fosse incomum para uma primeira visita.

—Não estou julgando. —Ela aponta para os pratos. — Você escolhe primeiro.

—Eu não estou mais com tanta fome.

—Besteira. — Seus olhos escurecem, exatamente como os de Dallas. Definitivamente parentes.

—Tenho certeza que depois de tanto trabalho ontem à noite, ele abriu seu apetite, certo?

Dallas ri, apoiando-se em seu lugar com um braço pendurado sobre a parte traseira quando leva o pão a boca.

Encaro o idiota, querendo saber apenas quantas vezes ele fez isso, se sua irmã sabe sobre tudo.

—Imagino que o café da manhã com sua conquista da noite é uma ocorrência comum então, Dallas?

Ele levanta ambas as sobrancelhas sugestivamente e escolhe continuar comendo, ao invés de responder minha pergunta. Camille o faz, no entanto.

— Não é, na verdade. —Ela desiste de esperar eu escolher e coloca um punhado de uvas e uma fatia de melão no meu prato. —Você é a primeira mulher que ele trouxe para casa... primeira viva, de qualquer maneira.

Querido Deus, eu juro que vou ficar doente nesta mesa se a refeição estilo *Família Addams* continuar assim.

— Eu iria mais longe e diria que é a primeira garota que ele teve uma queda, também —ela comenta, casualmente, selecionando um pãozinho para si mesma.

Dallas engasga com sua próxima mordida, o que estranhamente acalma meus nervos um pouco. Saber que ele se sente tão estranho como eu agora, isso nos faz um par, não me sinto como a estranha.

—O que diabos você está falando? — Ele resmunga, tentando parecer calmo.

—Esta manhã ao telefone, — Camille explica. — Disse eu te amo, antes de desligar, como faço sempre, e você disse que me amava também.

—E daí? — Seu lábio franze conforme pega o que resta de seu café da manhã.

Dou uma mordida no meu, meu estômago parecendo ter-se estabelecido o suficiente para considerar tentar comer.

—Você nunca, nem uma vez, disse que me amava. — Camille se inclina, encarando seu irmão. —No começo pensei que você poderia me dar algum sinal de que estava com problemas, mas então eu percebi que não usou as palavras de código.

Jesus ... eles têm palavras de código. Que tipo de família é essa?

—Então, — ela continua, —Eu pensei nisso enquanto fiz o trabalho de casa e vi com clareza: você estava transando com uma garota. E a única razão que você faria isso é se você gostasse dela.

— Talvez eu estivesse transando com um cara? — Ele conta. — Eu poderia estar estabelecendo uma hierarquia, mostrando que sua namorada estava com ciúme e queria me ver, não ele.

—Você não seria tão sutil, —Camille diz categoricamente. —Você só transaria com a mulher na frente dele.

—Verdade. —Ele encolhe os ombros indiferente.

Derrubo o melão no meu prato.

—Perdeu o apetite, April? — Dallas fala com um pouco de humor.

—Estranhamente, sim, — eu digo.

—Com, —manda. —Você vai precisar de um estômago cheio para o que estamos fazendo mais tarde.

—O que seria? — Tenho quase certeza que a única coisa que vamos fazer será descarregar Terry, e estou certa de que um estômago vazio faria menos bagunça.

—Queimar seu namorado, — ele afirma categoricamente, dando outra mordida para terminar ao redor de sua boca cheia, —você não quer desmaiar.

—É verdade, —Camille cantarola. —Você precisa da energia para ficar de pé, se é sua primeira vez. — Sua expressão suaviza quando me olha. —Presumo que esta é sua primeira vez?

—Por que você dois são tão irreverentes sobre isso? — Pergunto enquanto empurro minha cadeira para trás. —Os dois ficam aqui discutindo o fato que ele matou o meu namorado —eu gesticulo para Dallas —como se fosse normal, como se todo mundo fizesse isso em um sábado.

—Mais pessoas do que você conseguiria imaginar, —Dallas diz casualmente enquanto pega seu celular.

—Vocês são loucos. Digo; observando a maneira que Camille olha Dallas com apreensão. Pelo menos parece que ela percebe que isto já foi longe demais.

—Posso ser louco. — Ele diz conforme rola a tela, —mas você é uma sem-teto. Ele coloca o telefone na mesa e gira para virar para mim antes de desliza-lo até o outro lado.

Olha para baixo para a notícia aberta no navegador. A manchete relata um prédio em chamas em um bloco de apartamentos antigos. Camille suspira quando falho em mover a página, alcançando o para rolar para cima para presumivelmente poder manter a leitura. Como eu temia, o fogo foi no meu prédio, há menos de uma hora.

—O que você fez?

—Cobri nossos rastros. — Ele franze as sobrancelhas quando lambe os dedos para limpa-los. —O que? Você não tinha nada de valor lá dentro.

—Você poderia ter machucado alguém. — Meus vizinhos não eram exatamente amigos, mas eram pessoas, no entanto.

—Todos saíram, —afirma calmamente. —Alertei um cara no andar de cima enquanto estava dormindo esta manhã, dei-lhe um incentivo para ir de porta em porta.

—Sério...—Eu não posso acreditar nesse cara. Ele é tão malditamente dominador, como se tudo fosse seu para fazer o

que quiser. —Você não dá a mínima para ninguém além de si mesmo, né?

—Hum...agora você entendeu! — Ele fala jogando as mãos no ar.

—April—, Camille diz firmemente, trazendo minha atenção de volta para ela e longe do seu irmão arrogante. — Você pode por favor me dar uma mão, trazendo esse prato para a cozinha? — Olha para Dallas. —Vá lá fora um pouco.

Se um olhar pudesse matar, ele teria aumentado sua contagem diária de corpos para dois. Mas ele faz como Camille pede, se levanta da mesa e se alonga antes de caminhar aquela bunda maravilhosa para fora da porta.

—Pegue o prato e venha, — instrui, apontando com a cabeça para a cozinha.

Pego o abandonado prato de fruta e a sigo para o balcão. Ela toma o prato da minha mão e o coloca para baixo com tanta força que espero que a porcaria se quebre.

—Como ele pegou você?

Encolho contra os armários, me perguntando se agora é onde ela puxa a arma para atirar em mim. —Ele me atropelou. — Aponto para meu quadril machucado, apesar do fato que ela não pode vê-lo.

—Porquê? —Ela franze as sobrancelhas e cruza os braços conforme coloca um quadril contra o balcão. —Ele não é um mau motorista assim.

—Corri sem olhar, ok? Eu estava um pouco ocupada tentando não ser esfaqueada.

—O namorado? — Camille levanta uma sobrancelha.

—Sim— eu admito, baixando a minha cabeça.

— Hum. Faz sentido porque Dallas cuidou de tudo, então.

—Porque? — Olho com expectativa, esperando que ela vai ter pena de mim e explicar o que exatamente Dallas quer comigo.

—Ele não suporta violência sem sentido contra mulheres, — ela diz como se isso fizesse sentido para um homem como ele, tudo o que vi dele foi violência. O olhar dela cai para os hematomas em meu pescoço, uma ligeira contração em um olho é o único sinal de reconhecimento que recebo.

—Ele é duro, sim, mas nunca iria muito longe. Sei que não faz sentido, mas tivemos uma infância difícil. Ódio é amor para Dallas. É tudo o que ele conhece, então é tudo o que aprendeu.

—E sobre você? — Pergunto, compreendendo o que ela diz com isso é tudo o que você sabe, sendo tudo o que aprendeu. Quero dizer, olhe para mim, à procura de abuso como se fosse ar para respirar.

—Eu sou mais velha que ele cinco anos, —diz com um suspiro. —Eu conheci nosso pai verdadeiro, aquele que fugiu quando Dallas ainda estava na barriga de nossa mãe. Ele nos amou, mas ele não a amava. Ninguém poderia amá-la.

Camille desloca seu olhar para fora da janela no balcão, dor clara em seus olhos.

—Nosso padrasto, que criou Dallas, batia nele por chorar. É difícil explicar, mas não há nada mais assustador do que ter um irmão de quatro anos que quebra a perna brincando lá fora, e não derrama uma lágrima, ficando sozinho para sofrer. Ele foi condicionado a ser frio, desligado e bem...

—Fez dele que é hoje?

—Sim.— Ela suspira, virando e ocupando-se com as sobras.

—Mesmo assim, não é certo o que ele faz, —eu digo suavemente. —Ele não pode matar pessoas por capricho porque ele teve uma infância ruim.

—Não, mas ele é meu irmão, April, e vou protegê-lo até o dia que eu morrer. — Ela me lança o mesmo olhar intenso que Dallas tem permanentemente. —Você entende, não é?

—Na verdade não. Eu sou filha única.

Ela acena a cabeça. —Bem, eu espero que um dia você entenda. Mas até lá, apenas acredite em mim quando digo que se algum mal acontecer a ele, farei Dallas se parece com um maldito filhotinho.

—E quanto as pessoas que ele machuca, Camille?

—Se for para a prisão, pegará a cadeira. Eu não condenarei meu irmão a morte.

—Mas você sentenciaria completos estranhos para mantê-lo do lado de fora?

—Temos um acordo, — ela estala. —Ele só pega quem merece.

—E quem decide? — Pergunto. — Quem decide que eles não são capazes de redenção?

—Ninguém conhece o mal, como o mal em si, — diz Dallas.

Eu me abalo, sem saber que ele voltou para a sala de jantar para bisbilhotar. Ele dá passos e aparece completamente de onde tinha encostado na junção da parede e leva o prato da mão trêmula de Camille. — Senta, mana.

—Não quero te perder, — ela resmunga. —Você não.

—Não irá. Ele a puxa para perto e coloca um beijo suave no topo de sua cabeça.

Parentes ou não, eu não posso parar de sentir ciúmes deste tipo de adoração. Eu quero. Eu preciso.

Ele me diz que posso tê-lo se estiver de acordo com o que ele é.

Fale sobre uma crise existencial.

—April e eu vamos cuidar dos pratos, — diz Dallas, cutucando Camille fora do caminho. —Vai tirar a droga de uma soneca ou algo assim.

—Sim, claro, — ela resmunga antes de se dirigir para a porta.

Fechando com um clique suave, o silêncio entre Dallas e eu é excruciante enquanto fica ao lado do balcão e me encara.

—O que? — Sussurro, incapaz de encontrar força em minha voz.

—Você acha que o que faço é errado? — Cruza seus braços, um tornozelo cruzado na frente do outro enquanto espera que eu responda.

—E, não é? —Digo. —Em que mundo tirar a vida de alguém é aceitável?

—Você quer Terry vivo novamente? — Seus olhos estreitam ao mesmo tempo que um musculo pulsa em sua mandíbula.

—Claro que não.

—Vou perguntar outra vez, — diz Dallas. —O que eu faço é errado?

—Acho que em algumas circunstâncias pode ser o último recurso, — cedo.

—Você acha? — Ele anda para frente, até que estamos cara a cara. —Só as vezes?

—Está dizendo que nunca errou? Julgou mal a uma pessoa? — Eu desafio.

—Claro que errei. — Sua respiração é quente quando olha para baixo para mim com fome crua em seus olhos.

Sou sua próxima refeição, mas se isso vai ser uma experiência agradável para mim ou não, não tenho certeza.

—Isso não incomoda? — Estou realmente curiosa em saber como é que ele se mantém tão desligado. Não importa quão louca foi sua criação, quão desconectado tornar-se para sobreviver, por baixo de tudo ainda somos humanos, todos nós *sentimos...*

—Não.

Eu não acreditaria nele, se não fosse por aquela centelha de verdade por trás de seus olhos, aquela quase indecifrável contração de seus lábios. —Mentiroso.

—Como você saberia? — Indaga enquanto entrelaça os dedos suavemente pelo meu cabelo.

Eu mantenho meu silêncio enquanto suavemente organizo as mechas por cima do meu ombro, seu olhar quase em paz quando se concentra na tarefa à mão. Não terminei com esse argumento, não terminei com sua arrogância, mas isto... é bom. Quase iria longe ao ponto de dizer que é agradável, tendo-lhe me acariciando de tal forma.

—Ela tinha razão, — ele diz calmamente, os olhos ainda em seus dedos conforme traçam a forma do meu ombro. —Nunca disse que a amo antes.

—Eu sabia que você estava brincando comigo na época. — Admito desafiando, para ele perceber que não sou tão estúpida quanto ele gostaria de pensar.

—Isso te incomodou? — Seu olhar desloca-se para o meu, mas em vez do desafio de sempre, acho curiosidade. Ele realmente quer saber.

—Um pouco.

Um pequeno sorriso puxa o canto de seus lábios. — Mentirosa.

—Touché. —Eu rio antes de responder. — Ok. Isso me incomodou muito.

—Porque? — Nada ainda além de curiosidade.

Minhas bochechas enrubescem sob seu escrutínio.

—Porque... porque queria toda essa atenção para mim. Não gosto da ideia de compartilhar.

— Me compartilhar—diz ele, forçando as palavras que eu estava hesitante em dizer.

—Sim. — Abaixo meu queixo, precisando de descanso de seu olhar firme para encontrar um momento para respirar.

—Bobo, hein? Considerando como nos conhecemos e tal. — Considerando que todos os seus ponteiros gritam para eu correr.

—Como nos conhecemos? — A palma da mão desliza por meu peito para descansar em minha garganta. — Diga-me com suas palavras.

Minha respiração trava quando as pontas de seus dedos roçam a carne ainda sensível.

—Você matou meu namorado—, afirmo. —Tudo se resume a isso, e ainda...

—Ainda? — Ele inclina seu queixo para cima, aqueles lábios deliciosos se separaram quando ele olha a mão em minha garganta.

— No entanto, ainda não sei por que. Sua irmã disse que não gosta de homens que são abusivos com as mulheres, mas isso ainda não explica por que você o matou, por que você está ajudando a limpar as provas, por que você se importa.

A última palavra que digo tira ele do seu transe, sua mão cai fora quando dá um passo para trás.

— Não me importo.

— Sim, você se importa, Dallas, — pressiono, dando um passo à frente. —Você poderia ter atirado em minha perna e me deixado no hospital mais próximo. Poderia ter ido embora completamente e continuado com sua noite. Mas você não fez. — Eu me arrisco e o alcanço, assumindo o controle pela primeira vez desde que nos conhecemos. —Você escolheu parar e me ajudar. Você escolheu me proteger. — Passo meus braços em volta de seu pescoço e junto meus dedos em sua nuca.

— Não escolhi nada, — rosna com um ligeiro tique no olho. — Eu fiz o que veio naturalmente.

Ele não pode desviar o olhar, nem eu. Quero que perceba por conta própria, que este homem que finge ser, esse frio e fechado monstro é uma mentira.

Ele é humano. Ele sente. E ele ama.

É impossível ter um batimento cardíaco e não o sentir.

— Se eu sair agora, — pergunto, andando para trás. — O que você faria?

Ele olha para baixo para meus braços, como se não pudesse entender por que eu coloquei a distância entre nós.

—O que você quer dizer?

— Se eu for embora, —repito. — Você pensaria em mim?

Ele aspira a uma risada, relutante em deixar a imagem de durão.

—Não. —Descontraio, levantando ambas as sobrancelhas como se estivesse surpresa, apesar do fato de que meu coração dói. Ele não pode fazê-lo. Ele não pode deixar de lado seu orgulho para admitir a verdade que ele se importa.

—Ok. —Tomo uma respiração profunda e endireito meus ombros, rezando que ele vá me deixar fazer isso. —Acho que você fez a minha mente.

—Fiz a sua mente sobre o que? — Ele passa uma mão por seu cabelo, uma profunda carranca estragando seu lindo rosto.

—Se eu deveria ficar. Você teve uma chance, Dallas, para provar que sou importante, e muito secamente você me disse que não.

Ele abre a boca para protestar, por uma vez sem palavras quando viro e ando para a porta da frente. Meu coração troveja em meu peito, minhas mãos estão tremendo, sinto a pulsação do meu pulso batendo rápido, enquanto comando meus pés a manter um calmo e lento ritmo enquanto o deixo para trás.

Eu não tenho dinheiro. Não tenho casa.

Porra, não tenho nada. Mas maldito seja se vou deixar Dallas tirar minha dignidade.

— April!

Sete

A tranca clica quando a viro em minha palma, meus dedos giram mais e mais no trinco. No entanto, tudo o que posso ver quando olho para baixo para os discos de metal é o rosto de Dallas quando percebeu que não conseguiu me quebrar, tenho o poder, estou indo embora.

Ele me seguiu até a porta e então inclinou-se sobre o trilho da varanda enquanto Camille sentou-se e fumou na garagem. Não deu um passo fora da propriedade para sequer tentar me parar enquanto caminhava fora dos subúrbios e voltava para a cidade.

Três horas foi o tempo que me demorou para pedir alguns trocados suficiente para comprar algo para comer, mas isso foi só o começo.

Para onde vou daqui? Preciso de um emprego, mas não tenho roupas limpas para parecer respeitável se resolver bater de porta em porta. Preciso de um lugar para dormir, mas não estive nas ruas há anos, não sei que território é reivindicado e o que é gratuito.

Cheguei na porra do fundo do poço. Minha vitória é oca, quando não há nenhuma recompensa para o que fiz.

Mas o que teria conseguido se tivesse ficado? Teria desistido da última coisa que possuo, que era o meu livre arbítrio. Não importa o quão pobre eu sou, quão carente, ainda tenho a capacidade de escolher o que é certo e o que é errado.

Eu tenho moral, mesmo que ela seja deixada de lado de vez em quando para garantir que sobreviveria mais um dia. Isso é tudo o que importa, certo? É a única razão pela qual deixei Dallas me controlar como fez: Eu precisava para sobreviver.

Quem me dera poder acreditar em minhas mentiras.

—Você encontrou o que procura querida? — A senhora atrás do balcão me observa com uma expressão vazia quando eu passo meu olho pela vitrine mais uma vez.

Escolhi este café porque era pequeno, escondido, e a decoração era básica. Tinha todos os sinais de um lugar barato para comer, mas ou tem sido muito tempo desde que comi fora que eu esqueci quanto um pedaço de torta de maçã pode custar, ou inflação tem sido pior do que eu imaginava.

—Eu só tenho dois dólares e cinquenta, —admito. — Talvez precise voltar mais tarde. Me desculpe.

Ela estende a mão e coloca por cima da minha quando faço um movimento para sair do banco. —Espera aí. — Olho para encontrar somente bondade e muito possivelmente compreensão nos olhos dela. —Temos uma hora até o

fechamento, e entre você e eu, a maioria dessas coisas termina no lixo lá atrás de qualquer maneira.

Ela dá uma piscadela conspiratória.

—Fique por perto, e eu serei capaz de deslizar um saco para você.

Sete anos se passaram desde a última vez que chorei. Eu sei, porque eu me lembro, claro como o dia, como me senti assistindo minhas coisas serem jogadas na traseira de um caminhão de lixo, quando deixei meu lugar por muito tempo em minha primeira semana nas ruas. Sete anos desde que algo me afetou tão forte que não aguentei, não importando de onde estava, ou com quem.

—Ei. Fique quieta agora —murmura, deslizando um guardanapo de papel para mim. —Você não é a primeira garota sem-teto que tivemos aqui. Não é vergonha nenhuma. Ela me diz. —Só há orgulho no fato de que ainda está lutando.

—Obrigada. — Limpo as lágrimas fora o melhor que posso quando elas continuam a vazar com cada soluço da minha respiração. —Prometo que vai ser a primeira e última vez, não farei disso um hábito.

—Prefiro que seja um hábito do que morra de fome, — ela diz com naturalidade antes de se mover para servir um homem de terno que me olha com nada menos do que nojo.

Mudo minha posição até o final do balcão, encravado na parede ao lado dos banheiros. Meu sangue corre frio quando

pego o reflexo de um veículo familiar na janela entre o balcão e cozinha. Não é ele. Tem de haver uma dúzia ou mais de carros iguais ao dele por aqui. Só notei porque agora esse modelo significa algo para mim. Possivelmente.

O café desaparece em torno de mim enquanto eu assisto o carro se arrastar para a frente no trânsito. Não me atrevo a virar, mas qual é o ponto de me esconder quando visto a mesma roupa de antes? Com meu próximo fôlego preso em minha garganta, lentamente giro no banquinho e cerro os olhos um pouco para tentar adivinhar quem está lá dentro.

O carro vem a uma parada brusca e a porta do passageiro voa aberta. Considero correr quando as pernas longas de Camille emergem, mas achei comida aqui. Comida de graça.

As coisas que fazemos....

Dallas obstrui o tráfego, o carro atrás buzina para que se mova quando Camille entra no café. O sino sobre a porta soa, ganhando a atenção da gentil mulher atrás do balcão, assim como a raposa também arranca a atenção de todos os homens de sangue quente no lugar.

—Vamos, — me chama alegremente, como se tivesse esperando por um elevador. —Ele precisa mover o carro.

—Então deixe movê-lo. — Minha pele arrepia com a passagem de adrenalina alimentada pelo medo. Quanto tempo eu pensei que eu poderia ir longe com isso, após as ameaças feitas por Dallas?

Camille não vacila, e ainda assim a fria raiva que instala sobre ela é tão clara como o dia.... bem, para mim, de qualquer forma.

—Ei, — diz o idiota de terno, furtivamente a ela. —Eu não vi você aqui antes.

— Sim— ela estala, sua cabeça girando para ele com um toque de estilo exorcista.

—E se você não for embora não terá olhos para ver-me outra vez.

Ele levanta as duas mãos, pega o café em um uma e senta de volta silenciosamente.

Camille volta sua atenção para mim, ao mesmo tempo que Dallas buzina.

—Agora, April.

—Essa mulher está te incomodando? — Pergunta a senhora atrás do balcão.

Coloco meus trocados para baixo na superfície de madeira e deslizo do outro lado para ela. —Desculpe por que ter desperdiçado seu tempo. Muito obrigado pela sua bondade.

Ela franze as sobrancelhas para onde estou, evidentemente não convencida. Camille marcha até a porta com um 'huff' conforme eu ando atrás dela, segurando a porta aberta para que eu possa fazer meu caminho para fora até onde Dallas grita agora sobre o carro com a porta do motorista aberta.

—Vamos lá! O que merda você está fazendo? Começando um clube de tricô?

Eu teço através do tráfego da calçada e entre os carros estacionados, deslizando no banco de trás, sem nada além de um rápido olhar nos olhos dele. Se olhar para ele, eu poderia reconsiderar, e não sei se posso lutar com os dois juntos.

—Me levou todo o dia para te encontrar. —Ele resmunga quando Camille desliza sobre o assento de passageiro e fecha a porta. —Um dia que eu não tenho para perder.

—Então por que fez? — Pergunto insolente enquanto cruzo meus braços sobre meu peito.

Ele soca o acelerador e passa pelo sinal vermelho, deixando-me confiante que não vou ver outro nascer do sol.

—Porque você é minha, April, —ele surta, claramente frustrado por ter que soletrar. —Eu sou seu dono, e isso significa que você não pode apenas ir embora quando quiser, porra.

—Dificilmente você me parou.

—Pensei que seria melhor me livrar do problema no porta-malas primeiro, não é? — Seu olhar firme se conecta com o meu no retrovisor.

—Você se livrou de Terry?

—Sim. — Ele estica um braço para Camille conforme acompanhamos o resto do tráfego e curva seus dedos em um gesto de “me dê”.

Ela pega entre seus pés e levanta a porra da caixa plástica que coloquei no carro ontem, colocando-a na palma da mão de Dallas. Ele vira em seu assento, os olhos ainda na estrada, quando me apresenta o presente.

—April, conheça a versão 2.0 de Terry.

Pego a caixa da mão dele, mais para que possa usar ambas para dirigir de novo de que porque eu quero segurar Terry em minhas mãos. Não sei o que dizer, como me sinto... meu pesadelo dos últimos seis anos agora reside em minhas garras, como uma pilha de cinzas inofensiva.

—O que diabos eu devo fazer com ele?

—De descarga nele, jogue o sobre um lago de merda, eu não me importo. Ele é seu.

—Deixe-me sair aqui — Sua irmã diz.

Olho para baixo para a única posse que eu tenho neste mundo enquanto Dallas retarda e depois para, para que ela saia do carro seguindo seu caminho. Quão irônico isso é? Depois de tudo o que Terry me fez passar, ele acaba sendo a única coisa *eu possuo* quando estou finalmente livre dele. *Exatamente.* Livre de Terry, mas não de Dallas.

—Venha para a frente, April. Não sou um maldito motorista.

Ele não fica parado o suficiente para eu sair e usar as portas do carro para trocar de lugar, então abaixo Terry e escalo pelo

painel central, ciente de que minha bunda está bem na cara de Dallas enquanto deslizo minhas pernas para o chão.

—Onde vamos agora?

—Casa, — diz ele, olhos na estrada enquanto manobra o velho sedan para virar a esquina, os músculos em seus braços tencionando ao girar o volante sem direção hidráulica. —Nada mudou, Dallas. — Olho atrás de seu assento para Terry conforme ele desliza por aí sobre o vinil.

—Você fez tudo o que precisava para mim. Tudo mudou, —ele resmunga.

Espero por ele dizer mais, para explicar o que quer dizer quando tudo que eu posso ver é que ele ainda não dá a mínima para o meu bem-estar... mas não o faz. O restante do caminho para a casa é silencioso, mesmo quando para o carro na garagem e desliga o motor. Fico ali, mãos encravadas entre meus joelhos quando ele se inclina e estende o braço sobre o encosto do meu banco com um suspiro.

—O que você ia fazer? — Indaga tranquilamente.

—Quando?

—Se eu não tivesse te encontrado. O que você faria hoje? Amanhã? O resto da semana?

—Não sei, —sussurro minha cabeça abaixada em vergonha.

Anos se passaram desde a última vez que tive que me virar para sobreviver na selva de concreta e pelo menos naquela

época eu tinha uma bolsa cheia de dólares guardados cuidadosamente.

—Você é um alvo fácil, April. Você entende, não é?

Não respondo, brava demais para admitir que ele está certo, eu sou fraca. Eu faria um jogo fácil para os traficantes mais experientes. Talvez isso soe como algo verdadeiro idiota de se dizer, ele resmunga quando seus dedos escovam o meu cabelo para trás do meu ombro.

—Mas você é uma menina bonita, não ia conseguir fugir de outro cara que quisesse levar o que ele gosta sem pedir.

—Um cara como você? — Pergunto, virando minha cabeça para encará-lo.

Ele franze as sobrancelhas e engole duro enquanto chuta sua porta aberta. O carro treme quando sai, o eco da porta quando bate dói minha cabeça. Assisto quando ele dá a volta no capô, o som das minhas respirações desreguladas soando alto no veículo agora silencioso, o baque abafado de suas botas no concreto, uma batida sinistra conforme se aproxima do meu lado. O carro protesta com um rangido quando puxa a minha porta aberta e dá um passo para trás.

—Saia.

—Por favor, April. Claro, Dallas, — zombo quando levanto e olho em direção a casa.

—Para dentro. — Aponta para a porta da frente, fechando o carro atrás de mim.

—Não! — Sua mandíbula fica rígida, o conjunto de seus ombros rígidos conforme ele vira sua total atenção para mim.

—Para dentro. Agora!

—Não! — Digo um pouco mais firme.

—Maldito inferno, mulher. Não tenho tempo para birras infantis. Leve sua bunda para dentro da casa. — Assisto a veia em sua têmpora pulsando com um tipo de fascínio doentio que uma pessoa teria ao ser levada para um pelotão de fuzilamento para sua execução. —Ou o que?

Ele não diz nada, seu lábio superior tremendo quando parece suprimir um rosnado. Engasgo quando Dallas abaixa um ombro e corre para mim, o ar empurrado fora de meus pulmões conforme me levanta sobre um ombro e se dirige para a casa.

—Ponha-me no chão!

—Me obrigue —rosna.

Meus punhos batem em suas costas, minhas pernas mexendo furiosamente para fazê-lo me soltar de seu domínio. No entanto só me empurra ao redor até que minhas pernas se emaranham em seus braços e ele tenha minha cabeça puxada para trás por meu cabelo em um ângulo não natural.

Queima, a tensão no meu couro cabeludo e a vergonha que ele essencialmente provou o ponto que comentou no carro, não posso me defender contra a força bruta de um homem. Não tenho nenhuma chance de sobreviver por conta própria.

Realmente estou presa entre uma rocha e um lugar duro.

—Te deixei ir porque eu queria saber como me sentiria, — diz quando atravessamos o batente. —Queria saber se sentiria algo.

Ele chuta a porta atrás de nós com uma bota firme, a madeira chacoalha em seu confinamento.

—Você foi embora e eu esperava poder continuar com o que tinha de fazer, tirar fora do meu carro o otário que você namorou e terminar tudo.

Ele marcha até o corredor, passa a cozinha, e vai para um quarto, que não vi a primeira vez que estive aqui.

O quarto dele.

Meu couro cabeludo canta de alívio quando solta meu cabelo, mas a dor só apenas muda de foco conforme me joga para baixo na cama violentamente e então me puxa em sua direção com um aperto firme em meus tornozelos. —Você foi embora, e sabe o que percebi?

—O que? — Pergunto, tentando acompanhar seus movimentos bruscos enquanto puxa os sapatos dos meus pés.

—Eu te odiei por isso. Odiei que você pensou que poderia me deixar.

—Sou livre para fazer o que quiser, Dallas. Você diz que é meu dono —retruco me puxando fora de seu domínio. —Mas você não é. Você não possui ninguém.

—Bobagem! — Ele grita, estendendo a mão e apertando bruscamente em torno de uma panturrilha.

—Eu te possuo, porra!

—Não, você não possui. — Chuto suas mãos, tentando libertar minha perna, mas ele consegue me prender pelo tornozelo mais uma vez e me puxa para baixo da cama até que minhas pernas fiquem penduradas ao lado da cama, meus pés no chão e minha coluna arqueada sobre a borda do colchão.

Com uma mão firme em cada joelho, separa minhas pernas e se enfia entre elas, inclinando se para me fixar no lugar com seus quadris. Fecho meus olhos e estremeço quando ele bate as mãos, uma após a outra, ao lado de minha cabeça com força suficiente para fazer meus ombros ricochetearem no colchão.

—Diga-me porque não possuo você, April, —rosna, antes de abaixar e correr seu nariz para cima até ao lado do meu rosto. —Me convença.

—Porque não te devo nada, — grito, dobrando minhas mãos entre nós, contra seu peito.

Ele se recusa a ceder quando o empurro, em vez disso, pressiona de volta mais forte, até que sou forçada a tirar minhas mãos antes de machucar meus pulsos.

—O matei por você, —ele diz com veneno escorrendo de suas palavras. —Eu malditamente tirei uma vida para salvar a sua.

—Porque? — Desafio, empurrando para fora da cama o melhor que posso para trazer meu rosto mais perto do dele.

Nossos narizes se escovam e seu olhar cai para a minha boca quando se afasta.

—Porque você precisou de mim.

—Eu nunca pedi sua ajuda.

—Você não precisava, — ele diz com uma carranca.

—Então me diga, Dallas. Por que meu bem-estar importou para você se nunca pedi? Por que me ajudou se nunca disse que precisava?

Desafio-o a dizer, para confirmar o que eu vejo claro como o dia.

—Porque... —zomba, olhos nos meus lábios ainda. — Porque eu quis.

Dobro meus cotovelos, empurrando contra a cama e passo suavemente meus lábios sobre os seus. —Porque?

—Não sei o que você quer que diga. — Sua confissão é apenas um sussurro contra minha boca.

—Sim, você sabe. — Capturo seu lábio inferior entre os meus, puxando suavemente sua carne. —Diga. Por mim...

—Não posso.

—Você pode, — o incito antes de arrastar meu lábio inferior sobre ambos os seus. —Apenas não quer. — Seu peito empurra contra o meu, respirando com dificuldade, o pânico

evidente quando move seu olhar da minha boca para os meus olhos e de volta para baixo.

—Porque.... — Hesita a verdade parece dolorosa para ele admitir.

—Bom.... Porque? —Giro, colocando minha cabeça na dobra de seu pescoço assim podendo depositar um beijo suave em sua garganta quando ele engole, lutando para soltar as palavras.

—Porque me importo com você, — Ele admite em um sussurro resmungado.

Todo seu corpo fica rígido quando coloco minha cabeça de volta no colchão e sorrio para ele.

—Não foi tão difícil dizer, foi?

—Não sei como me importar com algo. — Ele entra em pânico, franzindo a testa. — E se eu acidentalmente matar você?

—Você não vai.

—Como pode ter certeza? — Seus braços deslocam-se para embalar minha cabeça, as mãos no meu cabelo, enquanto considera cuidadosamente meu rosto.

—Faço coisas sem pensar, April. Eu poderia... porra, poderia te fazer sofrer antes mesmo de perceber o que isso significa.

—Você não vai me matar, Dallas, —digo, incerta se ele não me machucaria, como disse, no entanto. —Se não significasse nada para você, você já teria feito isso.

Ele se empurra para levantar e com mãos fortes debaixo de mim, me ergue da borda do colchão para me atirar mais para cima na cama. Mal tive tempo para recuperar o fôlego e me ajeitar sobre o colchão novamente, antes dele estar em cima de mim, seu peso me esmagando quando fica mais ou menos montado em minhas pernas para puxar o moletom do meu corpo.

—Estava morrendo de vontade de tirar essa maldita coisa fora o dia todo, —resmunga, puxando meus braços através das mangas.

—Quem teria pensado que não ser capaz de ver o que é meu me deixaria tão louco por ele?

O moletom deixa livre minha cabeça e reabro os olhos para encontrar Dallas congelado em cima de mim, as roupas em suas mãos cerradas.

—O que? — Me esforço para não esconder meus seios com os braços, lembrando de sua promessa anterior.

—Tem certeza que não vou te machucar? — Indaga em um tom profundo e gutural.

—Porque no momento só consigo pensar no quanto gostaria de marcar sua pele intacta com meu nome.

Um calafrio percorre minha pele, arrepios irrompem em sua esteira.

—Eu disse que não me mataria, —digo-lhe com cuidado. — Nunca disse que não me machucaria.

Suas narinas se alargam quando joga o moletom de lado. Seu olhar enlouquecido deixa meu coração acelerado, meu instinto de fuga elevando sua cabeça quando ele pega no bolso de trás da calça jeans e puxa uma faca.

De jeito nenhum.

—Dallas...

Ele mantém a lâmina escondida, usando o cabo da faca para traçar linhas leves no meu peito, logo abaixo dos hematomas em meu pescoço.

—Aqui — sussurra. —Meu nome aqui.

Fogo incendeia seu olhar quando olha para mim em expectativa.

—Posso?

—Não, — estalo, batendo minhas mãos sobre a pele ainda formigando. Não o deixaria me corta outra vez. Minha bochecha dói onde ele me furou com a faca ontem à noite, como se concordasse.

Seu peito sobe e desce rapidamente quando afasta as mãos e puxa a lâmina para fora. Contorço embaixo dele, tentando descobrir se seria possível tira-lo de cima das minhas pernas.

Ele apenas aperta mais firme suas coxas e me imobilizando no lugar enquanto passa a ponta da faca ao longo de seu lábio inferior, o suficiente para marcar a carne, mas não cortar.

—Você está me assustando, Dallas. — Minha voz treme com o medo que não consigo esconder mais.

Ele está prestes a me esfaquear? Me imobilizar e me cortar de qualquer maneira? *Será* que vai me matar?

—Uh, uh—. Ele balança a cabeça, a ponta da faca empurrada contra o centro de seu lábio. —Não tenha medo, querida. A ponta perfura sua pele, uma brilhante gota de sangue saindo quando ele puxa a faca fora e se inclina para baixo colocando as mãos de ambos os lados da minha cabeça. —Vamos trabalhar o corte.

O sangue mancha seus lábios conforme fala.

Tudo que consigo pensar é que não há nenhuma maneira no maldito inferno que eu estaria bem em brincar com facas... e como estranhamente quente ele parece com sangue nos lábios. O que porra há de errado comigo? Minha língua espia para fora quando ele olha minha boca, queixo abaixado e o olhar em seus olhos positivamente selvagens.

—Há algo revigorante sobre degustar seu próprio sangue, —sussurra. —Você devia experimentar. — Seu peito duro pressiona meus seios nus com cada respiração que toma. — Ou... você poderia provar o meu.

Seu beijo é tão brutal quanto o homem. Dallas aperta os dedos de sua mão livre pelo meu cabelo, o comprimento entrelaçado em seu aperto quando aperta seu domínio. Choro contra sua boca, no entanto, ele não cede, a urgência de seu beijo levando meus pensamentos longe da dor e redirecionando os para o calor de sua língua enquanto penetra minha boca.

Posso sentir seu sangue, o sabor acobreado vivo em minhas papilas gustativas. Ele tem razão, há algo revigorante no gosto do sangue, e estou horrorizada em perceber que não quero que isso acabe.

—Não tenha medo, — ele sussurra contra minha boca quando o toque frio do metal encontra meu quadril. —Confie em mim.

Minha respiração trava na garganta conforme ele desliza a lâmina sob a alça da minha calcinha, mas a sensação de sua testa pressionada contra a minha e a profundidade do preto de seus olhos enquanto mantém meu olhar e empurra a mão longe do meu corpo me conforta.

O elástico cede com uma picada rápida contra minha pele. Dallas suga uma respiração afiada, quase como se a ação o excitasse. Foda-se, se ele sentiu o quão úmido está o material entre as minhas coxas, saberá que isso me excitou também, uma mistura de perigo e luxúria, forte o suficiente para me deixar bêbada em sua espécie de amor distorcido.

—Ainda está comigo? — Pergunta quando desembaraça a mão do meu cabelo para passar a faca para o outro lado.

—Sim. — Aceno contra sua cabeça, antecipando a picada do elástico quando ele repete o processo.

O metal desliza contra minha pele e fecho meus olhos enquanto prendo a respiração. Ele grunhe quando o tecido cede, selando seus lábios nos meus imediatamente.

Combino com sua intensidade desta vez, desesperada para o remanescente de cobre em seus lábios, o gosto que nos conecta em um nível muito mais profundo do que poderia qualquer outra coisa. Dallas se afasta, ofegante enquanto procura meu olhar. Para que, não sei.

—Você confia em mim? — Indaga.

Um flash de apreensão se instala em meu peito com a urgência em seus olhos, no entanto, balanço a cabeça, proferindo um simples

—Sim.

Ele se eleva sobre seus joelhos, a mão livre colocada contra meu peito entre meus seios conforme me prende. Assisto com fascínio doentio quando ele usa a mão que ainda detém a faca para arrancar o que sobrou da minha calcinha, levanto meus quadris um pouco para ajudá-lo. Alcança rapidamente com a mão no meu peito e inclina meu queixo para cima com dois dedos sob minha mandíbula, pedindo-me para olha-lo, manter seu olhar, quando mais uma vez me imobiliza.

—Fique aqui, — diz ele, apontando para os olhos com a mão segurando a faca. —É mais seguro.

Meu coração bate com tanta força em meu peito que o estresse sobre o órgão está em um limite doloroso. Mesmo assim faço como Dallas diz e mantenho seu olhar enquanto ele abaixa a mão que segura a faca para meu corpo e desliza os nós de seus dedos por minhas dobras escorregadias. Um tremor vibra em seu peito quando suspira, seus lábios se separaram ligeiramente enquanto observa me contorcer. Parece tão bom caralho. Tão errado e tão bom.

—Você está tão molhada para mim, querida, — diz com um leve sorriso em seus lábios. —Encharcada. — Ele sabe com o que eu tenho que lidar aqui? Claro que estou encharcada e pronta para ele, parece tão bom, perdido em sua luxúria. Ele ainda usa sua camiseta escura, o tecido esticado sobre seus ombros fortes e grossos braços conforme lentamente acaricia os dedos para frente e traz sobre meu centro trêmulo. O fato de que ele está vestido só contribui para a antecipação, serve para me provocar mais.

Sei o que se esconde por baixo, e quanto mais tempo ele mantém em segredo, mais quero que me mostre agora entendo completamente por que meu moletom o deixou doido.

—Olhos, April, —resmunga quando meu olhar permanece na protuberância que estica seu jeans. Viro meu olhar até o dele

e suspiro quando ele inclina sua mão para continuar me acariciando com a extremidade do punho da faca. A ponta suave contrasta com a superfície áspera da alça da faca quando desliza suavemente pelo interior de cada passagem. O olhar de Dallas, escuro como a meia-noite conforme move a mão do meu peito para meus seios e amassa bruscamente a carne sob a palma de sua mão.

—O que você quer? — Pergunta tenso, os músculos de seu pescoço evidentes quando ele inclina mais para cima seu queixo. —Diga-me o que precisa.

—Preciso de algo dentro de mim, —eu digo sem fôlego. — Qualquer coisa.

—Qualquer coisa?

— Preciso de libertação. — Fecho meus olhos e belisco minha testa dura, desesperada que alivie essa pressão que ameaça me explodir. Espero a aspereza dos seus dedos dentro de mim ou talvez o som de seu cinto conforme libera seu pau, mas não isso. A frieza clínica do metal é inconfundível quando desliza o cabo da faca em minha boceta, movendo a mão do meu peito para meu estômago, para então poder pressionar o polegar contra o meu clitóris ao mesmo tempo.

Interiormente eu estou alarmada, um pouco assustada, mas o que ganha é a excitação indomável. Estou dançando em uma linha fina com o diabo deixando um homem imprevisível como Dallas me foder com o punho de uma faca, mas não há

negação de que eu gosto. Não quando minha excitação lhe permite deslizar tão facilmente dentro e fora, me trabalhando ao um ponto sem retorno conforme seu polegar esfrega círculos apertados sobre meu clitóris sensível.

—Não tem ideia do quão bom isso parece— resmunga. — Abra os olhos, April. Olhe malditamente para mim. Olhe para isto. — Obrigo-me a fazer o que ele diz, estimulada somente por vê-lo olhando para onde a faca desliza dentro e fora de mim, paralisado. Suas respirações vêm curtas e rápidas, os músculos de seu antebraço tensos.

Ele quer que eu goze e por mais perto que esteja, não quero ainda.

O olhar de Dallas muda, seu desejo louco preso ao meu conforme me instrui.

—Levante em seus cotovelos, baby e veja isto.

Dobro um braço sob mim e então pauso para gemer quando ele muda o ângulo da penetração o suficiente para agradar meu ponto mais sensível. É preciso tudo em mim para encontrar forças para dobrar meu segundo braço e levantar o suficiente para ver como ele me fode duro e implacável com a arma letal.

Sua mão sangra onde a lâmina escava em sua palma; os filetes vermelhos tecem através de seu pulso.

—Não parece incrível? — Ele se maravilha, estendendo para colocar seu dedo molhado contra meus lábios. —Prove o quanto você gosta.

Lambo seu dedo até limpar, girando minha língua em torno antes de chupar duro e terminar com um pop.

—Que putinha suja —ele rosna. —Te disse que sou seu dono, April, mas foda-se.... — Ele hesita para assistir novamente a faca. —Você é perfeita para mim. Perfeita.

—Dallas.... — Eu gemo quando volto para a cama. —Eu não posso... — Ele puxa a faca de mim no próximo golpe, proferindo um —Nuh-uh— enquanto levanta o punho molhado para sua boca. Seus lábios separam e ele desliza o metal liso em sua boca, nunca olhando para longe de mim conforme suga tudo limpo. —Tão bom.

Ele joga a lâmina de lado e recua na cama, arrancando sua camiseta fora em um movimento afiado. Sinto um pulso direto em meu núcleo quando ele se dobra para empurrar seu jeans para baixo, todos os músculos de seu lado e costas em uma gloriosa exibição conforme chuta o jeans de lado. Dallas se endireita, segurando seu pau enquanto sorri preguiçosamente para mim.

— Quer que te foda agora?

—Sim. — Rolo e rastejo no colchão até ele, subindo de joelhos, então posso colocar minhas mãos em seus ombros.

Seus músculos mexem e se ajuntam sob minha mão esquerda, quando ele continua a acariciar seu pau. —Engula meu esperma e pensarei sobre isso.

Seus olhos acendem, o desafio claro em seu olhar enquanto aguarda minha resposta.

Ele não ganha um sim, pelo menos, não verbalmente. Fico de quatro, minha bunda no ar quando embrulho minha mão direita sobre a sua e tomo o controle.

—Foda-se sim.

Ele agarra meu cabelo em dois punhados e geme quando deslizo minha boca sobre seu pau, levando o para o fundo da minha garganta. Até o final.

Seus gemidos e a forma como puxa suas respirações entre seus dentes conforme defino um ritmo constante fazem minha boceta pulsar com necessidade. Eu quero me sentir tão cheia quanto minha boca. Quero estar satisfeita em todos os lugares, tudo de uma vez.

Ele aperta seu domínio sobre minha cabeça, puxando-me para ele em cada golpe para baixo. Tão forte que seu pau chega ao fundo de minha garganta, me fazendo engasgar. — Entendeu, baby? — Diz, segurando minha cabeça no lugar um segundo a mais. —Tenho muitas maneiras de sufocá-la até que não consiga respirar.

Lágrimas mancham minhas bochechas quando puxo e sugo uma muito necessária respiração. Mesmo assim, volto para

mais, viciada na sensação do seu pau de seda em minha língua. Dallas acompanha meu ritmo, balançando seus quadris para foder minha boca enquanto chupo e puxo a carne firme com meus lábios. Seus gemidos crescem mais profundos, grossos e altos conforme aumenta sua velocidade. O homem perdeu o controle e o pensamento de que sou a razão disso tem minha boceta tão molhada que minha excitação escorre pelo interior das minhas coxas.

Quero que ele me mostre os danos que pode causar com esse pau na minha boceta gulosa.

—Chega.

Me afasto, minha mão ainda fechada firmemente em torno da base de seu pau e levanto para ficar cara a cara com Dallas. Ele se joga para frente, lambendo a umidade do meu queixo. Espero até que esteja satisfeito e então me inclino para sussurrar em seu ouvido, —Quero me machuque agora.

—Baby.... — Suas pupilas dilatam até o ponto onde não consigo mais diferenciar a cor de sua íris.

—Quero que me foda tão forte que sentirei isso por dias.

—Como se fizesse outra coisa, — zomba convencido.

Minha cabeça chicoteia para o lado, seu aperto renovado em meu cabelo dirigindo meu corpo para onde quer. Ele torce e empurra, puxando meu pescoço em torno para me fazer virar e curvar, meu rosto enterrado na colcha, minha bunda no ar. O tapa de sua ereção contra minha bunda envia uma sacudida

direto ao meu núcleo, o zumbido ainda acontecendo quando arrasta a ponta através de minhas dobras escorregadias.

Não há lento e suave com Dallas, somente a verdade violenta quando pega o que quer, como quer. Choramingo na cama conforme ele bate duro em mim, seu pau me enchendo e me esticando até suas bolas encostarem em meu monte. É exatamente o que queria e ainda não posso ajudar na esperança que tenha mais, que ele faça mais. Ainda quero sentir mais dor, surpresa com o quanto almejo a punição que ele me dá.

As mãos de Dallas seguram meus quadris, seus dedos machucam minha carne, conforme me pune repetidamente. Meus ombros deslizam para cima na cama, forçando-o a colocar um joelho no colchão entre o meu para ficar comigo. E mesmo assim ele não para. Nunca para, mesmo quando enterro meus punhos na colcha para não mover meu corpo sob o seu ataque.

Choramingo, tremo e grito alto com o meu corpo se submetendo.

Quero mais. Sempre mais com ele.

—Foda-se, April, —Dallas geme quando se reclina nas minhas costas, abrandando o ritmo. —Você parece tão bem empalada no meu pau. — Coloca um beijo suave entre meus ombros, levando meu limite a borda quando desliza uma mão em minha garganta. —Não pude durar muito ontem noite. Te

queria demais, —sopra contra minha pele. —Goze quando mandar.

A perda de seu calor contra minhas costas decepciona, mas a mão em minha garganta, me puxando contra sua ereção quando reinicia seu ataque brutal mais do que compensa isso. Meus músculos apertam e pulsam, meu clímax perto. Me apoio em um dos braços, movendo o outro por baixo para chegar entre as minhas pernas e esfregar meu clitóris, no entanto, Dallas tira minha mão, fixando-a na cama ao meu lado sob a palma da sua.

—Não é.... seu... trabalho, —ele mói, pontuando cada palavra com um impulso doloroso de seus quadris. —Você goza quando eu quiser. — Como se para provar seu ponto, puxa para fora, provocando-me com a ponta do seu pau, me enlouquecendo, me testando. —Por favor, — reclamo, não dando a mínima para o quão necessitada estou. Quão possuída.

—Por favor, Dallas, — imploro. Não quero que a excitação se vá perdendo a sensação de como é estar no limite, perdendo o que vem depois.

—Por favor o que, cadela?

Minhas paredes pulsam com seu insulto.

—Por favor, me deixe gozar.

Ele move a mão de minha garganta para minhas costas, deslizando-a para baixo até sua palma repousar sobre meu cóccix e então pressiona o dedo contra o botão da minha bunda.

Uma descarga de adrenalina deixa minha cabeça girando quando puxo uma respiração afiada, surpresa com o quanto eu amo a sensação do seu polegar, traçando um círculo preguiçoso ao redor do buraco apertado.

—Ele já fez isso com você? — Dallas pergunta conforme balança seus quadris, empurrando seu pau grosso dentro de mim enquanto aplica uma leve pressão na minha bunda. —Ele já soube como é bom ter seu buraco apertado estrangulando o pau dele?

—Não, — afirmo. Sou uma vagabunda tão perversa.

—Estou feliz que ele não fez.

—Porque? — Ele pergunta, gutural e cru.

—Porque quero que você me mostre.

—Foda-se, April. — Ele desliza seu dedo mais abaixo, empurrando onde seu pau entra em minha boceta para cobri-lo com minha excitação. —Você tem certeza disso? — Não há como voltar atrás agora.

—Sim.

—Outra noite, — resmunga quando o dedo molhado retorna ao meu traseiro. —Por mais que eu adorasse foder sua bunda, esta noite, querida, não quero te cansar. — Ele massageia conforme circula o meu buraco apertado, me pressiona contra seu corpo de vez em quando.

—Meu pau é muito grande, e sua bunda é muito apertada. Preciso ir com calma.

Suspiro quando empurra o polegar para dentro, pegando o ritmo de seus quadris ao mesmo tempo que alivia a dor com seu pau em minha boceta. Meus nervos centelham a vida conforme ele lentamente empurra seu polegar, formigamento correndo ao longo de minha espinha trazendo outro ímpeto inebriante a minha mente já enlouquecida.

—Agora você pode gozar. — Dallas me toca como um maldito violino, sabendo exatamente como me segurar e onde pressionar para fazer uma linda música com seus métodos pouco convencionais. Desmorono sob seu toque, caindo na cama quando puxa seu polegar livre e termina com um grunhido, batendo sua libertação em minha boceta maltratada. Estou dolorida, cansada e usada de todas as melhores maneiras.

—Poderia meter dentro deste seu buraco ganancioso o dia todo, —Dallas diz quando ele puxa para fora e rola para longe. —Na verdade, — fica de lado, cabeça apoiada em sua mão — Acho que farei exatamente isso.

Eu gemo quando rolo, esticada na cama deste homem louco enquanto me maravilho em como ele me fez gozar mais forte do que... nunca?

—Não tenho lugar melhor para estar.

—Venha tomar um banho primeiro, —ele diz, pisando fora da cama. —E então podemos conseguir algo para comer para você não desmaiar quando te foder outra vez.

—Não posso me mover— reclamo, meu corpo mole depois de sua investida.

—Não faça então —diz , esticando e agarrando-me pela mão. —Deixe-me cuidar de você.

Desmaio com suas palavras enquanto ele me empurra em uma posição sentada para em seguida me erguer por cima de seu ombro. Seu gozo vaza de minha boceta ainda inchada enquanto nos dirigimos ao banheiro, ele não parece se importar conforme se espalha no braço que está preso sobre a parte traseira das minhas coxas. Até me mantém no lugar, pendurada em seu domínio como uma boneca de pano quando se inclina e liga o chuveiro.

Poderia dormir assim, segura e protegida, sabendo que estou nos braços de um homem que mataria para me proteger... que já o fez.

—Obrigada —murmuro quando ele gentilmente me coloca para baixo no vaso fechado.

—Pelo que fez ontem à noite, hoje. —Dallas para diante de mim, aparentemente perdido no que fazer.

—Ninguém nunca lhe agradeceu antes de mim?

—Eu faria de novo, — disse com uma careta.

—Eu sei.

Ele testa a água e então estende a mão para minha.

—Diga-me, April. Como se sentiu ao me ver tirar a vida dele?

Me guia sob o spray quente enquanto espera por minha resposta.

—Como me senti? Porra, é sério? Foi aterrorizante. — Respondo enquanto meus olhos fecham. A água no meu corpo exausto é divina, mas quando ele coloca as mãos com sabão e começa a me massagear... como posso amar tanto um homem e o temer também?

—Você gostou? — Puxo uma respiração afiada quando ele corre uma mão entre minhas pernas, cuidadosamente limpando minhas dobras.

—Não particularmente.

—Porque? —Desliza sua mão até meu estômago para meus seios, massageando primeiro um e depois o outro.

—Porque não sabia se seria a próxima. — Me equilibro, colocando minhas mãos na parede.

—Você tem medo de morrer? — Ele sussurra quando pressiona sua frente dura contra minhas costas. O homem já tem uma ereção maldita novamente.

—Não morrer —admito. —Medo de perder algo.

Morte não me assusta, o pensamento de ser forçada ir embora mais cedo sim. Posso não sentir como se tivesse qualquer propósito neste mundo, na maioria das vezes, mas isso não significa que não quero ver onde os tropeços e reviravoltas que a vida joga em meu caminho vão me levar.

Quero saber se eventualmente vou encontrar um motivo, uma razão para minha vida.

Meus lábios abrem em um suspiro quando Dallas se choca contra mim, seus dedos fazendo mágica nos meus mamilos. Como pode me foder tão forte e estar pronto para ir novamente tão cedo? Estou exausta, minha mente concordando, mas meu corpo está gritando inferno não!

—Você mataria por mim, April? — Dallas pergunta do nada. A pressão desaparece das minhas costas quando ele se distancia. Volto para encara-lo, me sentindo estranhamente livre, mas também vazia pela perda do seu toque e franzo a testa.

—Não sei.

—Se alguém tiver a minha vida por um fio, quero saber, você tiraria a deles?

—Talvez. — Que pergunta estranha a se fazer. É como se soubesse algo que eu não sei.

—Acho que poderia ter a esperança de que teria coragem de fazer se isso fosse a única opção. — Seu olho esquerdo treme quando ele levanta as mãos à parede engaiolando-me dentro de seus braços.

—Se você me ama, você faria.

Amar? Conheço-o basicamente por um dia, mesmo assim, claro que eu o amo. Como poderia não amar o homem que me salvou do inferno e depois me tomou como dele com convicção

tão feroz? Dallas suspira como se o impressionasse eu me sentir assim e em seguida, fecha a lacuna entre nós para pressionar meu corpo contra a parede enquanto leva minha boca com apreço selvagem. Minhas mãos percorrem as superfícies duras de seu peito, sentindo as cicatrizes ásperas que nunca percebi antes, cada uma um testamento do quão destemido e forte esse homem é. Ele anda pelo inferno com a cabeça erguida, sabendo que se puder olhar o diabo nos olhos, então nada pode tocá-lo.

—Quão dolorida você está? — Sua pergunta me aquece o coração, uma sugestão de que se importa com meu bem-estar, mesmo que não perceba isso sozinho.

—Nunca muito dolorida para você.

—Resposta certa —diz, com um sorriso conforme engata minha perna mais alta e me penetra com um impulso vigoroso. Síndrome de Estocolmo, um resultado de estresse pós-traumático não me importo com o que é que me traz de volta a este homem, que me puxa e faz dele meu mundo. Eu o amo. Nunca fui tão consumida por um homem. Mas se é assim que é dançar com um demônio nascido direto do inferno, então vou com prazer suportar a queimadura do fogo para ficar ao seu lado. Eu sou dele, pega sob seu feitiço. E o pior é que agora concordo totalmente com tudo o que ele disse.

Ele é meu dono.

Corpo *e* alma.

Oito

Demora até que eles quebrem a porta para que nós percebamos que temos companhia, minhas pernas em volta de seu pescoço enquanto ele faz precisamente o que me disse que faria depois que comemos, me foder implacavelmente. Ele bate uma mão sobre minha boca quando choro minha libertação, minha boceta ainda contraindo em torno de seu pau, apesar do fato de que agora vejo seu rosto em pânico com os olhos arregalados.

—Polícia! Fiquem onde estão está com as mãos no ar!

Ah, foda-se não. De maneira nenhuma.

—Mas que diabos? — Me embaralho tento me desembaraçar de Dallas quando ele joga a peça de roupa mais próxima para mim, sua camiseta.

—Você tem que estar a brincando comigo, — resmunga conforme caminha até seu escritório. Observo quando empurra a gaveta aberta em toda sua glória nua antes de que eu acorde. Ele continua a resmungar sob sua respiração enquanto coloco a camiseta na minha cabeça e soco meus braços através das

mangas ao som da polícia destruindo a casa quando se aproximam.

—O que você está fazendo? —Sussurro gritando quando ele saca uma arma e a coloca em cima da mobília.

—O que eu faço melhor. — Franze as sobrancelhas, como se a resposta devesse ser óbvia. —Vá para trás da cama e fique lá até eu te chamar.

—Dallas! Não adianta.

Ele coloca a calça jeans, sem cueca e troveja fora da porta com a arma na mão. Ele vai ter certeza que o matem. Vai ser abatido pela polícia e tudo que consigo pensar é que eu espero que ganhe porque eu não estou pronta para ficar sem ele ainda.

—Prioridades de merda, April.

Todas as vozes se misturam a um rugido masculino quando Dallas grita para a polícia se foder, eles respondem com suas demandas para se entregar e desistir, e começa o inferno maldito. O primeiro tiro é disparado, seguido por pelo menos meia dúzia em rápida sucessão. Escorrego da cama com um gemido e abaixo contra o criado-mudo, meu batimento cardíaco claro como o dia batendo como um tambor em meus ouvidos.

A gritaria para, seguida pelo nauseante grito de Dallas de algum lugar na casa. Em algum lugar longe o suficiente para que eu saiba que as botas que pisam em torno da cama não

podem pertencer a ele, especialmente dado que ele estava descalço quando foi. Foda-se.

Me encolho na mobília, amaldiçoando Dallas por ter uma cama com base que quase atinge o chão e não uma que eu consiga me enfiar embaixo.

—De pé! — Levanto a minha cabeça para encontrar o fim de um rifle apontado para minha cara, um oficial raivoso cheio de sangue na outra extremidade.

—Não fiz nada —protesto quando levanto minhas mãos e luto para ficar em posição vertical, sem o uso de meus braços.

—Eu disse levante! Agora! De pé!

—Foda-se! Ok. — Coloco minha mão esquerda no chão e sacudo quando meus dedos se conectam com algo duro, algo inflexível e frio sob a borda da cama. Será? Eu teria as habilidades para puxa-la fora antes que esse cara descarregasse uma em minha cabeça? Claro que não, idiota. Eu faço uma nota mental de onde está a arma e levanto em meus pés, mãos erguidas novamente.

—Deite com o rosto na cama e as mãos atrás das costas. — Os olhos do policial voam repetidamente de mim até a porta e novamente. Ele não sabe onde Dallas está. O conhecimento me dá um impulso muito necessário de coragem quando finjo ter ouvido errada as instruções do oficial.

—Deitar nas minhas costas? — Pergunto com um franzir de sobrancelhas.

—De frente —ele late, tirando uma mão do rifle para me girar bruscamente com um aperto doloroso em meu ombro. Eu viro para a porta, colocando uma mão para fora para equilibrar-me quando a coisa de que pesadelos são feitos marcha a vista. Sangue pipoca o rosto de Dallas, sua mão coberta em vermelho quando ele levanta a pistola e a aponta para o oficial atrás de mim.

—Atire em mim e eu a mato, — diz o policial calmamente.

O peito de Dallas sobe e desce em arranques fortes enquanto parece calcular o risco. Não consigo me mexer, não consigo pensar claramente quando a mordida do cano do rifle cava na parte de trás da minha cabeça. Esse policial fala a sério e a julgar pelo silêncio assombroso que seguiu Dallas para o quarto, eu diria que ele é o último homem de pé. Meu olhar cai para a perna de Dallas, para a mancha escura que floresce acima do joelho. Ele foi baleado.

—Você não está aqui por causa dela, —diz para o policial, mancando para frente. —Você não tem porque ameaçá-la.

—Tem razão. — O policial ri, despertando meu interesse com a forma despreocupada que fala com Dallas. Não há um pingo de profissionalismo no cara...

— Mas o que é um pouco dano colateral, hein? Nós aparecemos para uma incursão de rotina, ei, o cara ficou louco. O que posso fazer?

—Não há nada de maldita rotina sobre isso —Dallas surta, um ligeiro brilho de suor em sua pele.

Ele está com dor. Os policiais o machucaram e ele ainda tenta manter a ilusão de estar no comando.

—Quanto tempo você pensou ser capaz de fugir de toda sua merda com apenas conversa, babaca? —Diz o policial. — Ninguém é completamente intocável. Nem mesmo o filho do governador.

O que? Minha mente embaralha tentando lembrar o que Camille falou sobre sua família, sobre o pai biológico de Dallas, o cara bom. Santa merda.

—Se abaixe, April.

Mergulho na cama, um grito sufocado quebrando em minha garganta esperando como o inferno que tenha me jogado na direção certa. O rifle dispara, no entanto, o tiro atinge o teto, chovendo pó sobre minha cabeça... logo antes do policial aterrissar em minhas costas com um gemido fraco.

—Oh meu Deus, — grito, empurrando o moribundo, ou possivelmente morto, homem sobre mim.

—Querida, —diz Dallas, estremecendo quando manca rapidamente para onde estou sentada na cama. —Você está bem?

Fixo olhar no policial quando sua boca abre e fica frouxa.

—Ele está morto? — Meu estômago embrulha sabendo que apenas observei um homem morrer, testemunhei seus últimos segundos de consciência.

—Tenho quase certeza que não sobreviverá a isso —Dallas diz com desdém conforme se senta com as costas viradas para o policial e sua total atenção em mim. —Você está ferida? — Suas mãos vão para meu rosto, meus ombros, aparentemente, procurando por ferimentos.

Saio do meu transe e lanço um ataque em Dallas, o fluxo de adrenalina alimentando meus punhos quando eles chovem em sua cabeça. —Você poderia ter me matado!

—Mas não fiz, diz, — um sorriso arrogante nos lábios manchados de sangue.

—Eles estão... — Olho em direção à porta.

—Todos mortos. Sim. — Como se com a sugestão, um grito de gelar o sangue vem da frente da casa. —Dallas?

—Camille, —murmura, empurrando para fora da cama.

—Aqui!

Ele manca em direção à porta quando ela vem derrapando a vista.

—Oh meu Deus! As mãos dela voam para a boca. April?

—Estou bem — digo, as mãos levantadas enquanto cuidadosamente saio da cama para não perturbar o policial morto. Ainda não estou bem com isso.

—Ouvi o tiroteio — murmura, — e vim direto para cá.

Dallas para no meio de seu caminho para o outro lado da sala.

—O tiroteio. — Ele inclina a cabeça para um lado.

—Sim, —ela diz, olhando para o cara morto na cama. — Havia tantos tiros de uma vez. Entrei em pânico.

—Quanto tempo você esteve aqui com esse cara, April, — Dallas me pergunta mesmo que seu olhar nunca deixe Camille. —Palpite?

—Cinco minutos, talvez?

—Cinco minutos, —ele repete para sua irmã. —E ainda sim você demorou tanto?

Ela vacila, seu olho tremendo quando dá um passo para trás.

—Não queria levar um tiro.

—Veja, aqui está o problema, —Dallas diz com uma careta de dor. —Logo depois que levei um na perna, andei para a frente e atirei nos desgraçados que estavam perto do carro de patrulha, então eles não poderiam pedir reforços. —Ele se vira para olhar para mim. —É por isso que demorei tanto para chegar até você, querida.

—Está tudo bem. — Ofereço-lhe um sorriso suave, que parece acalmá-lo, mas apenas por um fugaz segundo. O olhar que ele dá a Camille quando volta para ela é puro assassinato. —Você não estava lá.

—Estava escondida —ela tenta explicar. —Estava com medo.

Dallas permite que seus ombros relaxem quando a encara. Não posso afastar meu olhar, intrigada pela maneira que ele consegue convencê-la a desmoronar apenas com linguagem corporal. Ela lança um sorriso, seus olhos voltam-se para mim como se à procura de apoio, antes que olhe pra Dallas novamente.

—Eu te amo, irmãozinho.

Ele dá um passo à frente, levantando uma mão sangrenta ao seu ombro para então poder escovar o cabelo dela fora do caminho. —Você ama?

—Fiz porque eu te amo.

—Fez o que?

Ando para frente também, mas sei que minhas ações não seriam tão boas se as minhas mãos estivessem perto de seu pescoço.

—Você mesma disse, April, —diz Camille. —Você disse que não há nada certo no que ele faz, tirando a vida das pessoas.

—O que você fez? — Pergunto novamente, meu corpo vibrando com raiva mal contida.

—Camille? —Dallas alerta. Ela sai do seu domínio, para o corredor. —Eu.... Preciso ligar para o pai.

—Porque? — Dallas pergunta a seguindo quando ela vira e se dirige para a frente da casa. Ele passa pela porta atrás dela. —Por que precisa ligar para o pai, Camille?

Ele manca atrás dela, mas não adianta, não tem nenhuma velocidade com aquela perna ferida. Eu o ultrapasso e começo uma corrida enquanto Camille corre através da porta da sala de estar. Há corpos à esquerda e à direita e há pelo menos, um homem que é indistinguível graças ao seu ferimento mesmo assim meu foco é a irmã de Dallas quando ela inclina para baixo ao lado de um dos oficiais caídos e recupera a sua arma.

—Fique onde está, —ela ameaça, apontando a arma para mim com uma mão enquanto recupera o telefone com a outra. Assisto em horror quando seu dedo disca os números para o 911.

—Não —eu peço. —Não faça isso.

—Por que mudou seu discurso, April? Foi você quem disse que ele precisava ser detido esta manhã. — Ela ri quando o operador atende do outro lado.

—Polícia, por favor. — Os olhos de Camille se estreitam quando coloca o telefone no peito, pistola ainda apontada diretamente para mim.

—Tive que fingir tão friamente para que você não soubesse o que tinha feito. Não poderia ter seu mais recente brinquedo de foda arruinando tudo que arrisquei minha vida para arrumar.

—Não acredito que você fez isso comigo, —Dallas diz da porta atrás de mim. Giro para vê-lo mancar para o cômodo, chamando a atenção da arma de Camille.

—Pensei que podia confiar em você.

—Surpresa— diz jovialmente apesar do fato que parece que está pronta para chorar. —Toda pessoa boa tem um ponto de ruptura, Dallas. Não podia mais olhar para o outro lado. Não conseguia fingir que seus crimes não me mantêm acordada à noite. — Ela levanta o telefone para a orelha, falando com o operador, conforme move a arma entre nós dois —Sim, preciso de ajuda, por favor. Há oficiais mortos e eu tenho o criminoso na mira.

Dallas suspira, balançando a cabeça enquanto Camille continua a dizer ao atendente seu endereço. Ele volta, girando de lado para ela enquanto esfrega a mão em sua cabeça.

Quero ajudar. Quero parar com isso. Mas como? Meu olhar cai para o oficial que Camille removeu a arma, e uma ideia vem à vida. Estudo o cara, a forma como ele caiu, o sangue que mostra onde a bala o atingiu. Deixo penetrar, imaginando como deve ter sentido quando percebeu que não iria para casa esta noite.

Meu instinto aperta em angústia. Sucesso. Um suor frio envolve-me da cabeça aos pés quando repito o processo, absorvendo o horror que aconteceu aqui hoje em minha mente.

—Você está bem? — Dallas pergunta, andando em minha direção.

—Fique bem aí, —adverte Camille, empurrando a arma para ele.

Ele congela no comprimento de um braço, o conflito claro em seus olhos quando pressiona os lábios juntos com um suspiro pesado.

—Não me sinto tão bem, — digo levantando a mão para meu estômago. —Eu.... Eu não sou boa com sangue.

Dallas franze a sobrancelhas, mas muda suas feições rapidamente quando o olho. Com sorte, ele entendeu o que estou fazendo e vai entrar nessa.

—Você não vai vomitar vai? — Camille ondula seu nariz para cima, telefone ainda a orelha dela.

—Eu.... —Movo minha mão a boca para efeito e dou dois passos rápidos para trás para avaliar sua reação com a arma. Ela continua a franzir a testa, o cano apontado para Dallas quando eu viro e corro para o banheiro. Paro quando alcanço o cara morto no corredor, fora de vista. Ele tem um rifle em suas mãos, e ridículo como soa, não sei atirar.

—Deixe-me ir vê-la, —Dallas queixa-se da sala de estar.

—Não. Fique aqui. Não preciso de vocês dois correndo soltos por aí.

Eu tenho um minuto, no máximo, antes de ela ficar desconfiada. Desviando do cara no corredor, eu balanço para o

banheiro e encho o copo na pia com o mínimo de água. Pense em carne podre, queijo mofado... O som do meu arquejo salta ao redor da sala. Jogo logo em seguida um pouco de água para imitar o som de vomito e repito algumas vezes mais para a boa encenação.

Camille murmura algo para Dallas sobre eu ser fraca quando eu hesito na porta e verifico se o caminho está livre. Em três passos rápidos, estou no fim do corredor e no quarto de Dallas. O oficial me encara de sua posição expirada na cama.

—Desculpe, amigo, — sussurro quando dou a volta na cama e me agacho para recuperar a arma que eu sei que está lá. —Mas para ser honesta, você pareceu um pouco babaca.

Alegro-me em silêncio quando puxo a pistola para fora e observo seu projeto básico. Sei encontrar a trava de segurança nisso e desde que esteja carregada, estarei pronta para ir.

Meus pés deslizam sobre as tábuas do chão quando luto meu caminho de volta até a cozinha e o deslizo para dentro. A voz de Camille está mais alta conforme decide com o operador do outro lado da linha o que fazer. Vislumbro Dallas no reflexo na janela. Ele está na porta da sala de estar; seus braços apoiados dos dois lados, acima da cabeça enquanto tenta tirar o peso da sua perna ruim. O ódio em seus olhos conforme encara Camille deixa *meu* peito apertado, só posso imaginar como ele se sente.

Minha palma escorrega quando seguro a pistola firmemente, mentalmente preparando meu psicológico para o ato. Posso fazer isso. Dallas precisa que faça isso. Agacho onde acabam os armários e cozinha/sala de jantar abre-se para a sala de estar, ficando escondida atrás da extremidade da parede.

Camille entra em minha vista, sua nuca virada para mim enquanto fica focada em Dallas. Chego mais próximo da parede e encontro um conjunto de olhos escuros fixos em minha posição. Dallas não faz mais do que contrair um músculo quando ele desliza seu olhar de volta para Camille.

Mire nela e aperte o gatilho. Simples.

Meu sangue silva em meus ouvidos conforme levanto a arma e firmo meu braço contra meu joelho dobrado. Camille desloca seu peso, me forçando a realinhar tudo de novo. Seria tão fácil atirar uma rodada após a outra nela e esperar o melhor, mas ao contrário de Dallas, prefiro atirar para matar como último recurso.

Mantendo um olho fechado, puxo em uma respiração profunda e depois a seguro enquanto me certifico que o marcador de mira ainda está alinhado com o ombro dela. Um, dois, três.... Aperto o gatilho, assustada por quão alto uma arma é quando a coisa está na sua mão.

Ela tropeça para frente como se a batessem com um taco de beisebol, o telefone cai de sua mão quando grita. Meu

coração bate tão malditamente rápido que ameaça brotar asas e voar para longe. Minhas mãos tremem quando eu levanto e me aproximo cuidadosamente dela.

Dallas não se mexeu em tudo, nada além de um sorriso preguiçoso que agora enfeita seus lábios lindos. —Boa.

Acabei de tirar em sua irmã, e ele está me elogiando?

Camille rola de costas, gemendo enquanto lágrimas marcam seu rosto. Avanço e chuto a arma e o telefone para Dallas, a pistola na minha mão apontada para seu peito. Ele se inclina para baixo e termina a chamada antes de retomar a sua posição, vendo o que eu faço.

—Puta que pariu. —Camille geme através de sua dor. —Eu não achei que tinha isso em você.

—Surpresa —digo, zombando de sua declaração anterior.

—E agora, April? — indaga. —Você me mata e faz Dallas orgulhoso de chamá-la de sua, ou vai com a sua consciência e me leva a um hospital?

Eu olho para Dallas antes de responder. —Sua escolha.

Camille geme quando seus olhos reviram. —Ótimo.

—Por que você ia ligar para o pai? — Dallas pergunta quando anda para a frente. —Ele mandou você fazer isso?

—Vamos, irmãozinho. Quanto tempo você achou que sua carreira duraria se ele não estivesse apagando os fogos para você? Você tem alguma ideia de quanto ele já desembolsou em subornos nos últimos seis anos?

—Qualquer dinheiro que ele gastou foi problema dele, — Dallas morde de volta. —Eu não pedi a ajuda dele, não pedi que achasse que ainda tinha um papel na minha vida.

—Ajudar é o que você faz pela família, eles querendo ou não.

Ele solta uma risada curta, sorrindo enquanto esfrega uma mão sobre o queixo.

—Você não é família para mim, Camille. Você não é nada.

—Você está doente, —ela conta puxando-se para o lado com uma careta. —Você precisa de ajuda. — Seus olhos odiosos acham o meu. —Ambos precisam de ajuda.

—Correção, —ele escarnece, inclinando-se para apontar um dedo em sua cara. —Você acha que preciso de ajuda. Por outro lado? Gosto de quem sou.

—Então você foge— diz Camille. —Por quanto tempo? Quantas mais pessoas terão que morrer para que você possa ser livre?

—Tantas quanto necessário. —Dallas se endireita e estende uma mão para fora, palma para acima. —A arma, querida.

—Vá lá, seu covarde, —Camille provoca quando desiste. — Me mate porque é mais fácil. Me mate porque não sabe mais como lidar com seus problemas.

Me assusto quando Dallas chicoteia o braço reto e prontamente descarrega duas rodadas, uma em cada joelho de

Camille. Ela grita de dor enquanto ele calmamente manca para a porta e recupera o telefone dela. Ele coça a parte inferior do queixo com a arma quando abre o teclado e disca 911 novamente.

—Não vou te matar, —diz ele, largando o telefone ao seu lado, —mas terei certeza de que você não possa ir a qualquer lugar depois de partirmos. — Ele gesticula para a chamada com a arma. — Convém pedir uma ambulância, desta vez.

Nove

Ferir Camille nos deu uma vantagem de duas horas antes de nosso rosto fossem estampados em toda rede social da mídia, e termos nossos nomes em primeiro lugar nos relatórios a cada hora em toda estação de rádio local.

Dirigimos até acabar a gasolina e depois passamos quinze minutos para encontrar um carro velho suficiente que não tivesse o sistema antirroubo no tanque de combustível, sem contar um alarme.

Encosto no painel traseiro do carro de Dallas, e vejo como ele chupa forte na mangueira para puxar a gasolina para cima. A perna dele deve estar doendo como inferno, mas ele é inflexível dizendo que pode cuidar de si mesmo uma vez que encontremos uma cidade pequena o suficiente para que a farmácia seja fácil de arrombar de madrugada.

—Por que não disse que o seu pai é o governador?

Ele enfia a mangueira na alimentação de combustível e cospe para o lado antes de responder.

—Não parecia importante.

—Você fala com ele frequentemente?

—Não falei mais do que um punhado de palavras com ele nos últimos cinco anos.

—E ainda assim pagou para mantê-lo seguro? — Os olhos de Dallas piscam com aviso quando pisa entre as minhas pernas e coloca os braços no teto do carro, me prendendo.

— Qual é seu ponto?

—Meu ponto, —digo, correndo as minhas mãos sobre seus ombros fortes. —É que ele deve te amar e, se importa o suficiente para arriscar sua carreira te protegendo.

Dallas suspira, sua expressão nula.

—Mesmo se ele o fizer, todo o dinheiro do mundo não pode mudar o que fez, nos deixando.

—Acho que não. — Meus dedos passam sobre a parte traseira de sua cabeça. —Onde vamos a partir daqui?

—Onde você quiser, querida.

Fecho meus olhos conforme ele se inclina e passa seu nariz para cima ao lado do meu pescoço, terminando com uma mordida ao meu lóbulo da orelha. —Você sabe, até mesmo Bonnie e Clyde não puderam fugir para sempre.

—Ainda bem que não somos eles então, hein? — Ele beija uma linha ao longo da minha mandíbula, terminando em meus lábios.

—Estou falando sério, —protesto, afastando minha cabeça. —Estou com medo. E se você for pego?

—E se você for? — Ele contraria.

—Você tem um inferno de muito mais contra você, do que eu.

Ele belisca o lábio inferior entre os dentes, puxando a carne macia enquanto morde conforme move seu olhar entre meus olhos. —Eu vou te dizer uma última vez, ok?

—Certo. — Suspiro, certa de que vai ser mais merda arrogante sobre como sou intocável.

—Você, —diz ele, pontuando a palavra com um impulso de seus quadris, —me pertence. Sou seu dono, isso significa que todos os seus medos, todos os seus desejos, todas as suas preocupações, eu as possuo também. — O seu olhar cai para meu peito quando corre a mão do meu lado para segurar meu peito. —Já disse na noite que nos conhecemos e significa mais agora do que nunca, vou cuidar de tudo, querida.

—E se você não conseguir?

—Eu consigo. — Ele agrupa a bainha em sua mão, dando acesso total a minhas dobras molhadas.

—E vou — Ele sela sua promessa com dois dedos enfiados em minha boceta. Rebolo contra sua mão, sem vergonha, não dando a mínima se alguém tropeçar em nosso discreto assalto de combustível neste momento. Se soubesse que sem calcinha poderia ser tão divertido, teria feito isso há muito tempo.

Então, novamente, não tinha Dallas, e ele é a melhor parte do que torna divertido.

—Sempre molhada para mim, querida, —resmunga quando enterra seu rosto em meu pescoço.

Arqueio minhas costas contra o carro, apoiando um pé ao seu redor para dar melhor acesso a Dallas. Ele bombeia os dedos dentro de mim, provocando, alimentando meu desejo por ele na mais estranha das circunstâncias.

Dois dias atrás corri do meu namorado, cem por cento certa de que se ele me pegasse, era o fim da minha vida. Mal sabia que aquele incidente viria a ser o início de uma nova vida com um homem que é dez vezes mais perigoso do que Terry era.

—Dallas—, digo, colocando sua mandíbula em minhas mãos.

—Sim, querida? — Ele traz seu rosto ao mesmo nível do meu, seu olhar intenso trancado em mim enquanto ele continua a trazer-me para a borda com sua mão.

—Eu te amo.

Ele retarda quando um sorriso se espalha por seu rosto bonito.

—Eu também te amo, baby.

Os dedos dele retomam a intensidade quando acrescenta o polegar contra o meu clitóris. —Mas você sabe o que eu mais amo?

—Diga-me, —eu digo com um suspiro conforme apertam meus músculos, minha liberação tão perto.

—Que finalmente encontrei a única coisa neste mundo que me importo, você.

— E eu amo isso. — Ele diz com os dentes apertados.

—Goze agora para mim, April.

